

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO CERRADO PATROCÍNIO
UNICERP
Graduação em Psicologia

MAYARA DE SOUZA BARBOZA

**O AFETO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM: visão das
professoras**

PATROCÍNIO/MG
2018

MAYARA DE SOUZA BARBOZA

O AFETO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM: visão das professoras

Trabalho Monográfico de Conclusão de curso apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de bacharelado em Psicologia, pelo Centro Universitário do Cerrado Patrocínio- UNICERP.

Orientadora: Profa. Dra. Vanessa Cristina Alvarenga.

**PATROCÍNIO/MG
2018**



Centro Universitário do Cerrado Patrocínio
Curso de Graduação em Psicologia

Trabalho de conclusão de curso intitulado “O AFETO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM: visão das professoras”, de autoria da graduanda Mayara de Souza Barboza, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

BANCA EXAMINADORA

Vanessa Cristina Alvarenga

Orientadora Profa. Dra. Vanessa Cristina Alvarenga.
Instituição: UNICERP

Tatiane Coutinho Vieira de Melo

Profa. Ma. Tatiane Coutinho Vieira de Melo
Instituição: UNICERP

Tereza Helena Cardoso

Profa. Esp. Tereza Helena Cardoso
Instituição: UNICERP

Data de aprovação: 03/12/2018

Patrocínio, 03 de dezembro de 2018.

AGRADECIMENTOS

No início deste percurso não passava de um simples sonho e objetivo a ser concretizado, entretanto ao longo dessa árdua caminhada, na qual eu adquiri muitos conhecimentos e experiências, percebo que foi muito mais que um sonho, foi uma evolução pessoal. Foram muitos momentos inesquecíveis de choro, brigas, alegrias, derrotas, aprendizagens, muito esgotamento, pressão, viagens que pareciam eternas! Confesso que, ao passar dos anos o cansaço conseguiu tirar aquele brilho nos olhos de quando eu ingressei na faculdade, mas nunca me permiti desistir e vivi cada segundo destes cinco anos de forma intensa. Minha cadeira da sala foi preenchida com minha presença, dedicação e acima de tudo o que pudesse estar acontecendo, não permiti que minha ausência reinasse. Hoje estou muito feliz porque um dos grandes momentos da minha vida chegou, e não foi fácil estar aqui. Então para chegar neste dia primeiramente agradeço a Deus que foi o meu pilar, me dando forças e me mostrando que sou capaz de alcançar aquilo que almejo em minha vida, não permitindo que eu desistisse dessa longa caminhada.

Aos meus pais Rosilene e Antônio que me deram o dom da vida e que sempre me ensinaram a ser uma pessoa de boa índole, a qual me tornei, com estes princípios e valores “sagrados”.

Aos meus irmãos Antônio Magno, Antônio Maicon, Francisco Arlan, que me ajudaram indiretamente, e ao meu irmão Marcos Rafael em especial que me acompanhou ao longo dessa árdua caminhada, que vivenciou muitas das minhas dores me ajudando e apoiando em alguns momentos difíceis neste último ano.

Ao meu sobrinho querido que tanto amo Kevyn Ryan, que muitas vezes me acalentou sem ao menos saber do que se tratava a minha dor e que sempre me incentivou e quis saber de tudo o que eu fiz na graduação e na minha vida.

Ao meu amado noivo Luis Gustavo, que foi e é meu companheiro em todos os meus sonhos e jornadas, mas que em especial essa caminhada esteve comigo incessantemente durante estes anos, me apoiando e me incentivando.

A família do meu noivo, que é uma segunda família para mim, que sempre me apoia em suas casas, dando forças quando eu precisava.

A minha cachorra Lili que descansa em paz, que acompanhou um terço dessa caminhada, que sempre esteve nos meus pés me acompanhamento em meus estudos. A kiara e Nina minhas companheiras atuais de estudos diários.

Aos meus amigos da faculdade pelas vivências, pelos conhecimentos transmitidos, pelo companheirismo, em especial Eliana Silva, que é minha irmã do coração, que Deus me presenteou na graduação, espero que a distância não nos separe. Aos que me acolheram, abrigaram em suas casas dessa cidade que a priori era desconhecida, além das inúmeras caronas que me ofereceram.

Aos meus honrosos docentes desde os primeiros anos do ensino fundamental até a atualidade que me mostraram a doçura de cada matéria lecionada, que me inspiraram sempre estar buscando o conhecimento científico, que me transmitiram tudo o que eu aprendi e o verdadeiro significado de ser uma "humana" digna e ética. Sou muito grata e me orgulho muito de cada um de vocês!

Às minhas supervisoras de estágio, em especial a Tatiana Mariano, que foi minha impulsionadora e maior inspiração na prática clínica infantil, e que me ensinou todos os princípios da psicologia, me instruindo a ser empática ao acalantar a dor humana.

A minha queridíssima coordenadora e orientadora Profa. Dra. Vanessa Cristina Alvarenga que segurou na minha mão para que juntas pudéssemos “dar vida” a essa pesquisa linda permeada de afeto, e para que eu pudesse realizar esse objetivo tão almejado em minha vida.

Por fim, agradeço a mim mesmo por ter acreditado em meu potencial, por ter feito tudo com muita dedicação e carinho. Que eu continue sendo uma pessoa digna, e que me torne capacitada para essa profissão que é um grande desafio da humanidade!

RESUMO

Introdução: O meio social possui forte influência sobre a pessoa, assim deve ser favorável para o desenvolvimento desta, no qual a escola é um ambiente significativo, propiciador de conhecimento e das interações interpessoais. Os professores nos anos iniciais exercem influência nos comportamentos infantis, pois passam a ser considerados uma figura de referência. **Objetivo:** Analisar a percepção das professoras dos anos iniciais do ensino fundamental sobre o afeto no processo de ensino-aprendizagem; verificar se há ações afetivas por parte das professoras para com os alunos e quais seriam essas ações; identificar os benefícios que a afetividade pode trazer para a relação professor/aluno. **Material e Métodos:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva, de campo, foi aplicada uma entrevista semiestruturada a 11 professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, em duas escolas municipais, localizada na zona urbana de Coromandel/MG. **Resultados:** Todas as professoras ressaltaram a importância da afetividade no desenvolvimento humano como um recurso necessário no processo ensino-aprendizagem, no qual afeta diretamente o aluno e motiva no mesmo o desejo de aprender. Foi averiguado que existem diversas ações afetivas concretas que envolvem diretamente a subjetividade do sujeito e o contato interpessoal, tais como: momentos diversos de diálogo; demonstração de afeto, assim como a valorização do abraço; momentos de dramatizações, danças, canto, leituras entre outras. Evidenciou-se que as emoções podem influenciar de forma positiva e negativa a construção do conhecimento e a afetividade não significa que o professor deve ser bom o tempo todo, para as participantes se não houver regras e limites há problemas com disciplina. A afetividade no processo de ensino aprendizagem é essencial na relação professor/aluno, pois ambos formam um elo de transmissão do conhecimento e esse processo torna-se prazeroso e significativo. O papel do psicólogo é imprescindível no âmbito escolar, pois além desse profissional ter um olhar holístico sobre a realidade prepara os professores para as situações conflitantes dentro dos trâmites da sala de aula, onde estão expostos. **Considerações finais:** A sala de aula precisa ser um espaço de formação, de humanização, onde a afetividade em suas diferentes manifestações possa ser usada em favor da aprendizagem, porque o afeto e o intelectual são faces de uma mesma realidade, pois constituem o desenvolvimento do ser humano. Mas, deve-se ressaltar que a afetividade não é o único recurso a ser considerado nesse processo, no qual envolve também os fatores cognitivos, motores, psicológicos, ou seja, a forma com que o professor lida com essas questões considerando as fases afetivas. Além do incentivo da expressão e diferenciação das emoções dentro da sala de aula, mas principalmente da relação vincular entre aluno-professor. A missão do professor não se resume apenas em construir conhecimento, mas também facilitar o processo de aprendizagem estabelecendo uma relação afetiva com o aluno, e quando o mesmo é tratado com amor mais motivação este terá de estar em constante aprendizado.

Palavras-chave: Afetividade. Professor-aluno. Aprendizagem.

“O objetivo principal da educação nas escolas deveria ser a formação de homens e mulheres que são capazes de fazer coisas novas, e não simplesmente de repetir o que outras gerações fizeram; homens e mulheres são criativos, inventivos e descobridores, que podem ser críticos, verificar, e não aceitar, tudo que lhes é oferecido”.

Jean Piaget.

Lista de Quadros

Quadro 1 - Categorias que emergiram na análise de conteúdo	20
Quadro 2 - Dados sociodemográfico das participantes	21
Quadro 3 - Dados acerca do trabalho das professoras	22

Lista de siglas e abreviações

CFP	Conselho Federal de Psicologia
COEP	Comitê de Ética em Pesquisa
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MG	Minas Gerais
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
UNICERP	Centro Universitário do Cerrado Patrocínio
ZDP	Zona de Desenvolvimento Proximal

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. OBJETIVOS	13
2.1 Objetivo Geral	13
2.2 Objetivos Específicos	13
3. DESENVOLVIMENTO	14
3.1 INTRODUÇÃO	16
3.2 MATERIAL E MÉTODOS	17
3.2.1 Tipo de pesquisa	17
3.2.2 Cenário da pesquisa	18
3.2.3 Participantes da pesquisa	18
3.2.4 Técnica de coleta de dados	18
3.2.5 Procedimento de análise dos dados	19
3.2.6 Questões éticas	20
3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	20
3.3.1 Perfil sociodemográfico e formação profissional das professoras entrevistadas	21
3.3.2 A percepção das professoras quanto a efetividade no processo de ensino aprendizagem	24
3.3.3 A afetividade na relação professor/aluno e a influência das emoções	26
3.3.4 Prática docente e seus desafios	31
3.3.5 O papel do psicólogo e ações afetivas no âmbito escolar	34
3.3.6 Desestruturação familiar	41
3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
3.5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS / CONCLUSÃO	48
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
APÊNDICES.....	53
ANEXOS	59

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como tema a afetividade e a aprendizagem, se enquadrando assim na linha de pesquisa da Psicologia Escolar e Educacional. A afetividade trata-se de um assunto que não é contemporâneo e sim histórico, todavia o que se percebe segundo Almeida (2008) são controvérsias sobre a terminologia, no qual a palavra afetividade tem significados diversos em relação aos conceitos de emoção, sentimento e paixão, além de se considerar que é algo subjetivo, portanto imensurável. Há uma variedade de delimitações conceituais que se mesclam, tornando problemática e pouco clara o seu verdadeiro significado.

Entende-se por afeto os conteúdos psíquicos que definem a personalidade do sujeito, um conjunto de emoções e sentimentos que dá qualidade ao que é afetivo. É o que o ser humano sente de si, dos outros e do que constitui o mundo, que determinará os comportamentos e atitudes. É também o que torna motivação para a vida, o que leva a fazer algo (PINTO, 2005).

Rabecini e Parra (2015) chamam a atenção para o fato de que a afetividade é denominada pela grande maioria das pessoas como “sentimentos positivos”, entretanto a psicologia denomina como afeto ou afetividade todas as emoções, sentimentos, temperamentos, características da personalidade, frustrações, paixões, sejam elas “negativas” ou “positivas”.

Acredita-se que a natureza psicológica humana é dividida entre uma parte racional e outra afetiva, fazendo uma rica ligação do que se pensa e do que se sente afetivamente ao pensar. A afetividade é tratada como uma oposição aos aspectos cognitivos mais relacionados à inteligência. A afetividade e a cognição nascem juntamente com as questões orgânicas, e a interação com o meio adquire complexidade nos diferentes campos operacionais (PINTO, 2005).

A afetividade é um domínio fundamental quanto à inteligência, e embora tenha denominações e funções diferenciadas são interdependentes. Para que haja um desenvolvimento saudável na criança ambas devem andar entrelaçados de forma inseparável em um processo para que um complemente o outro (FARIA, 2010).

Galvão (1998) afirma que Wallon direciona sua teoria na análise da criança contextualizada nas relações com o meio influenciado pelas suas emoções e pelos seus

significados. Avaliando assim, a psicogênese da pessoa completa, ou seja, que estuda o desenvolvimento dos campos operacionais da afetividade, motricidade e da cognição.

O Processo de ensino-aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental segundo Rabecini e Parra (2015) é importante no desenvolvimento infantil, pois trata-se do segundo local em que a criança tem contato desde muito cedo. A escola como um local inovador, com recursos didáticos e um ambiente multicultural, busca acolher o aluno e não apenas o educar, ensinando a ser um cidadão, adaptando-se a outros lugares e aprendendo a se relacionar interpessoalmente, além de serem protagonista de sua história. É a partir das interações interpessoais em um local novo como a escola que a criança terá diversos mecanismos de se desenvolver nos aspectos cognitivo, social, motor e afetivo.

Os professores nos anos iniciais exercem influência nos comportamentos infantis, pois passam a ser considerados uma figura de referência, herdando sentimentos que a priori, eram direcionados aos pais, e que estes já não o competem neste local, cabendo ao professor assumir o papel que lhe é designado, despertando assim no aluno o desejo de aprender (RABECINI; PARRA, 2015).

Santos e Gonçalves (2016) apontam que diante a esta realidade o psicólogo se faz presente dentro do contexto escolar e é uma figura imprescindível, pois é um agente de mudanças e juntamente com o professor é mediador do conhecimento. Pauta-se com uma postura de pesquisador realizando diagnóstico, e intervenção psicopedagógica individual ou em grupo. Atua com todo o corpo discente e docente dentro desta instituição e também com a comunidade, visando à diminuição do fracasso escolar tanto nos anos iniciais quanto nos anos finais do ensino fundamental.

O psicólogo no âmbito escolar visa à promoção e a prevenção da saúde do aluno e do professor. Utiliza-se por meio de orientações com os mesmos transmitindo os conhecimentos psicológicos necessários e considera todos os aspectos do desenvolvimento humano, assim como a dimensão cognitiva, elaborando procedimentos que trabalhe a relação vincular entre professor e aluno e buscando benefícios para o processo ensino-aprendizagem (SANTOS; GONÇALVES, 2016).

Diante o exposto questiona-se: qual a percepção das professoras dos anos iniciais do ensino fundamental sobre o afeto no processo de ensino aprendizagem? Acredita-se que as respectivas professoras consideram o afeto crucial para o desenvolvimento humano e para um processo significativo de ensino aprendizagem.

Ao se refletir quanto às questões da afetividade no processo de aprendizado, Brust (2009) observa que na atualidade esta temática tem passado despercebida e é pouco explorada dentro do âmbito escolar, o que acarreta uma série de efeitos negativos, que só serão detectados tardiamente após o processo dos anos iniciais.

O afeto está presente em todo o ambiente escolar e se dá desde o nascimento quando o indivíduo está sendo afetado nas relações interpessoais. E é através de um processo que envolva a afetividade que o aluno se sente motivado a buscar o conhecimento. Além de considerar que a educação afetiva deve ser uma preocupação primária dos educadores e de toda a população, porque se torna um elemento condicionador de comportamentos e dos aspectos cognitivos (GARCIA, 2014).

De acordo com Rabecini e Parra (2015) a pessoa que é tratada com afeto tem maiores possibilidades de se tornar saudável e solidária. Portanto, a missão do professor não se resume apenas em construir conhecimento, mas também facilitar o processo de aprendizagem estabelecendo uma relação afetiva com o aluno.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Averiguar a percepção das professoras dos anos iniciais do ensino fundamental sobre o afeto no processo de ensino-aprendizagem.

2.2 Objetivos Específicos

- Verificar se há ações afetivas por parte das professoras para com os alunos e quais seriam essas ações;
- Identificar os benefícios que a afetividade pode trazer para a relação professor/aluno;
- Analisar a atuação da Psicologia no contexto educacional e os problemas complexos existentes no seio familiar de acordo com a visão das professoras.

3. DESENVOLVIMENTO

O AFETO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM: visão das professoras

MAYARA DE SOUZA BARBOZA¹

PROFA. DRA. VANESSA CRISTINA ALVARENGA²

RESUMO

Introdução: O meio social possui forte influência sobre a pessoa, assim deve ser favorável para o desenvolvimento desta, no qual a escola é um ambiente significativo, propiciador de conhecimento e das interações interpessoais. Os professores nos anos iniciais exercem influência nos comportamentos infantis, pois passam a ser considerados uma figura de referência. **Objetivo:** Analisar a percepção das professoras dos anos iniciais do ensino fundamental sobre o afeto no processo de ensino-aprendizagem; verificar se há ações afetivas por parte das professoras para com os alunos e quais seriam essas ações; identificar os benefícios que a afetividade pode trazer para a relação professor/aluno. **Material e Métodos:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva, de campo, foi aplicada uma entrevista semiestruturada a 11 professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, em duas escolas municipais, localizada na zona urbana de Coromandel/MG. **Resultados:** Todas as professoras ressaltaram a importância da afetividade no desenvolvimento humano como um recurso necessário no processo ensino-aprendizagem, no qual afeta diretamente o aluno e motiva no mesmo o desejo de aprender. Foi averiguado que existem diversas ações afetivas concretas que envolvem diretamente a subjetividade do sujeito e o contato interpessoal, tais como: momentos diversos de diálogo; demonstração de afeto, assim como a valorização do abraço; momentos de dramatizações, danças, canto, leituras entre outras. Evidenciou-se que as emoções podem influenciar de forma positiva e negativa a construção do conhecimento e a afetividade não significa que o professor deve ser bom o tempo todo, para as participantes se não houver regras e limites há problemas com disciplina. A afetividade no processo de ensino aprendizagem é essencial na relação professor/aluno, pois ambos formam um elo de transmissão do conhecimento e esse processo torna-se prazeroso e significativo. O papel do psicólogo é imprescindível no âmbito escolar, pois além desse profissional ter um olhar holístico sobre a realidade prepara os professores para as situações conflitantes dentro dos trâmites da sala de aula, onde estão expostos. **Considerações finais:** A sala de aula precisa ser um espaço de formação, de humanização, onde a afetividade em suas diferentes manifestações possa ser usada em favor da aprendizagem, porque o afeto e o intelectual são faces de uma mesma realidade, pois constituem o desenvolvimento do ser humano. Mas, deve-se ressaltar que a afetividade não é o único recurso a ser considerado nesse processo, no qual envolve também os fatores cognitivos, motores, psicológicos, ou seja, a forma com que o professor lida com essas questões considerando as fases afetivas. Além do incentivo da expressão e diferenciação das emoções dentro da sala de aula, mas principalmente da relação vincular entre aluno-professor. A missão do professor não se resume apenas em construir conhecimento, mas também facilitar o processo

¹Autora, Graduanda em Psicologia pelo UNICERP.

²Orientadora, Coordenadora e Professora do UNICERP, Doutora em Educação.

de aprendizagem estabelecendo uma relação afetiva com o aluno, e quando o mesmo é tratado com amor mais motivação este terá de estar em constante aprendizado.

Palavras-chave: Afetividade. Professor-aluno. Aprendizagem.

ABSTRACT

Introduction: The social environment has a strong influence on the person, so it should be favorable for the development of this, in which the school is a significant environment, conducive to knowledge and interpersonal interactions. Teachers in the early years exert an influence on children's behavior, since they are considered a reference figure. **Objective:** To analyze the teachers' perception of the initial years of elementary school about affection in the teaching-learning process; to verify if there are affective actions on the part of the teachers towards the students and what would be these actions; identify the benefits that affectivity can bring to the teacher / student relationship. **Material and Methods:** This was a qualitative, descriptive, field research. A semi-structured interview was applied to 11 teachers from the first years of elementary education in two municipal schools, located in the urban area of Coromandel / MG. **Results:** All teachers emphasized the importance of affectivity in human development as a necessary resource in the teaching-learning process, in which it directly affects the student and motivates the student to learn. It was verified that there are several concrete affective actions that directly involve the subjectivity of the subject and the interpersonal contact, such as: diverse moments of dialogue; demonstration of affection, as well as the appreciation of the embrace; moments of dramatizations, dances, singing, readings among others. It has been shown that emotions can influence positively and negatively the construction of knowledge and affectivity does not mean that the teacher should be good all the time, for the participants if there are no rules and limits there are problems with discipline. The affectivity in the process of teaching learning is essential in the teacher / student relationship, since both form a link of knowledge transmission and this process becomes pleasant and meaningful. The role of the psychologist is essential in the school environment, because in addition to this professional having a holistic view on reality prepares teachers for conflicting situations within the procedures of the classroom, where they are exposed. **Final considerations:** The classroom needs to be a space of formation, of humanization, where the affectivity in its different manifestations can be used in favor of learning, because the affection and the intellectual are faces of the same reality, since they constitute the development of the human being. But it should be emphasized that affectivity is not the only resource to be considered in this process, in which it also involves cognitive, motor, psychological factors, that is, how the teacher deals with these issues considering the affective phases. In addition to encouraging the expression and differentiation of emotions within the classroom, but mainly the relationship between student and teacher. The teacher's mission is not only to build knowledge, but also to facilitate the learning process by establishing an affective relationship with the student, and when it is dealt with with love, more motivation will have to be in constant learning.

Keywords: Affectivity. Teacher Student. Learning.

3.1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como tema a afetividade e a aprendizagem, se enquadrando na linha de pesquisa da Psicologia Escolar e Educacional. A afetividade trata-se de um assunto que não é contemporâneo e sim histórico, todavia o que se percebe segundo Almeida (2008) são controvérsias sobre a terminologia, no qual a palavra afetividade tem significados diversos em relação aos conceitos de emoção, sentimento e paixão, além de se considerar que é algo subjetivo, portanto imensurável. Há uma variedade de delimitações conceituais que se mesclam, tornando problemática e pouco clara o seu verdadeiro significado.

Entende-se por afeto os conteúdos psíquicos que definem a personalidade do sujeito, um conjunto de emoções e sentimentos que dá qualidade ao que é afetivo. É o que o ser humano sente de si, dos outros e do que constitui o mundo, que determinará os comportamentos e atitudes. É também o que torna motivação para a vida, o que leva a fazer algo (PINTO, 2005).

Acredita-se que a natureza psicológica humana é dividida entre uma parte racional e outra afetiva, fazendo uma rica ligação do que se pensa e do que se sente afetivamente ao pensar. A afetividade é tratada como uma oposição aos aspectos cognitivos mais relacionados à inteligência. A afetividade e a cognição nascem juntamente com as questões orgânicas, e a interação com o meio adquire complexidade nos diferentes campos operacionais (PINTO, 2005).

Diante o exposto questiona-se: qual a percepção das professoras dos anos iniciais do ensino fundamental sobre o afeto no processo de ensino aprendizagem? Acredita-se que as respectivas professoras consideram o afeto crucial para o desenvolvimento humano e para um processo significativo de ensino aprendizagem.

Ao se refletir quanto às questões da afetividade no processo de aprendizado, Brust (2009) observa que na atualidade esta temática tem passado despercebida e é pouco explorada dentro do âmbito escolar, o que acarreta uma série de efeitos negativos, que só serão detectados tardiamente após o processo dos anos iniciais.

O afeto está presente em todo o ambiente escolar e se dá desde o nascimento quando o indivíduo está sendo afetado nas relações interpessoais. E é através de um processo que envolva a afetividade que o aluno se sente motivado a buscar o conhecimento. Além de considerar que a educação afetiva deve ser uma preocupação primária dos educadores e de toda a população,

porque se torna um elemento condicionador de comportamentos e dos aspectos cognitivos (GARCIA, 2014).

De acordo com Rabecini e Parra (2015) a pessoa que é tratada com afeto tem maiores possibilidades de se tornar saudável e solidária. Portanto, a missão do professor não se resume apenas em construir conhecimento, mas também facilitar o processo de aprendizagem estabelecendo uma relação afetiva com o aluno.

3.2 MATERIAL E MÉTODOS

3.2.1 Tipo de pesquisa

A presente pesquisa é qualitativa, descritiva e de campo, tem por intuito colher dados sobre a percepção das professoras dos anos iniciais do ensino fundamental quanto aos aspectos da afetividade no processo de ensino aprendizagem.

A pesquisa qualitativa de acordo com Gerhardt e Silveira (2009) preocupa-se com qualificar o fenômeno estudado compreendendo, pois, a dinâmica das relações sociais, não se propondo em quantificar os valores e as trocas simbólicas de um objeto. Neste tipo de pesquisa o cientista é tanto o sujeito quanto o objeto daquilo que se está sendo analisado. Segundo González Rey (2010) a pesquisa qualitativa é apropriada para compreender os aspectos psicológicos, pois envolverá a subjetividade sobreposta à complexidade do sujeito a ser estudado/ou investigado.

Segundo Gil (2002) a pesquisa descritiva possui como finalidade a descrição de determinadas características da população de um fenômeno, ou a relação entre as variáveis da pesquisa. Prodanov e Freitas (2013) afirmam que além de descrever um fenômeno na pesquisa descritiva ocorre à observação, o registro, a análise e a ordenação dos dados. Contudo deve se ater que o pesquisador não pode intervir nos fatos.

A pesquisa de campo é caracterizada como um estudo voltado para indivíduos, grupos, instituições dentre outros, que visa abranger os vários aspectos existentes da sociedade (MARCONI; LAKATOS, 2003). Além de se considerar, de acordo com Gil (2002) que há uma interação dos componentes na pesquisa possuindo maior profundidade das questões que foram levantadas e propostas segundo as variáveis do estudo.

3.2.2 Cenário da pesquisa

A presente pesquisa foi realizada no Município de Coromandel, cidade localizada na região do Alto Paranaíba, no Estado de Minas Gerais. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE (2015), a população contava com 27.547 habitantes no último censo demográfico, no ano de 2010. Entretanto, estima-se que em 2017 a população seja de aproximadamente 28.508 pessoas.

Segundo a Secretaria de Educação de Coromandel no município existem 24 escolas, sendo 22 escolas públicas e 2 (duas) escolas privadas. Destas apenas 6 (seis) são municipais, sendo que 4 (quatro) são na zona rural e 2 (duas) na zona urbana.

3.2.3 Participantes da pesquisa

Participaram da presente pesquisa 11 professoras que atuam no município de Coromandel/MG, nas 2 (duas) escolas municipais da zona urbana e que trabalham nos anos iniciais do ensino fundamental.

3.2.4 Técnica de coleta de dados

Inicialmente foi encaminhada uma carta a Secretaria Municipal de Educação da referida cidade explicando de forma objetiva sobre a pesquisa. Após autorização da mesma (ANEXO A), a aluna pesquisadora entrou em contato pessoalmente com os diretores das 2 (duas) escolas, a fim de explicar sobre a pesquisa, obtendo a autorização, entrou-se em contato com as professoras pessoalmente.

A coleta de dados ocorreu através de uma entrevista semiestruturada elaborada pelas pesquisadoras (APÊNDICE A). As mesmas foram realizadas de forma individual, de acordo com a disponibilidade das participantes, garantindo segurança e liberdade de expressão as mesmas. A realização das entrevistas ocorreu nas dependências das escolas, somente 1 (uma) participante pediu que a entrevista ocorresse em sua casa.

Segundo Gerhardt e Silveira (2009) a entrevista semiestruturada é considerada uma técnica alternativa para coleta de dados, que contém um roteiro de questões sobre determinado tema. No momento da coleta das informações ocorre a interação social onde uma das partes busca obter dados. É através do diálogo assimétrico que o participante pode se expressar livremente.

As mesmas foram respaldadas sobre a ética, a confidencialidade com o anonimato de suas respostas, assinando assim o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE B), também foi ressaltado com as participantes a importância da participação delas na pesquisa. A aluna pesquisadora pediu consentimento das participantes para a gravação de áudio da entrevista para que as respostas coletadas fossem transcritas e analisadas de forma minuciosa, a fim de que os resultados obtivessem maior precisão.

3.2.5 Procedimento de análise dos dados

Após a realização das entrevistas, as falas foram transcritas na íntegra e houve uma leitura exaustiva do material para análise dos dados, buscando compreender os objetivos da pesquisa e os materiais relativos ao referencial teórico.

Segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 167) após a obtenção dos resultados ocorrem à análise e interpretações dos mesmos. “A importância dos dados está não em si mesmos, mas em proporcionarem respostas às investigações”. Na análise o pesquisador busca das suas indagações por meio das respostas advindas da entrevista relacionar os dados que foram obtidos e as hipóteses formuladas a priori.

A interpretação dos dados desta pesquisa ocorreu a partir da análise de conteúdo sendo organizadas as informações mais significativas em categorias. De acordo com Marconi e Lakatos (2008) a análise do conteúdo é uma análise qualitativa que será priorizada a percepção do sujeito mais do que as palavras que foram ditas, pois, a subjetividade do mesmo é observada e possui grande importância.

3.2.6 Questões éticas

A presente pesquisa foi realizada de acordo com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, a qual estabelece as diretrizes para a pesquisa envolvendo seres humanos. O projeto referente a esta pesquisa foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa do UNICERP (COEP/UNICERP) para aprovação. A coleta de dados junto às participantes somente aconteceu após aprovação do COEP/UNICERP (ANEXO B).

3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a transcrição das entrevistas e da leitura exaustiva do material procurou-se relacionar os dados com a luz do referencial teórico adotado e da análise de conteúdo, através da organização dos dados em categorias. Segundo Gonzalez Rey (2010) a análise do conteúdo é classificada por categorias, que são apresentadas de forma sistemática considerando a subjetividade do sujeito.

Visando resguardar a identidade das participantes e considerando os aspectos éticos as mesmas foram identificadas por nomes fictícios, sendo eles: Diamante, Rubi, Safira, Água Marinha, Jade, Turmalina, Ametista, Esmeralda, Turquesa, Opala e Citrino. Por terem participado 2 (duas) escolas elas serão denominadas Escola 1(um) e Escola 2(dois).

O Quadro a seguir traz as categorias que emergiram no presente estudo.

Quadro 1- Categorias que emergiram na análise de conteúdo

3.3.1 Perfil sociodemográfico e formação profissional das professoras entrevistadas
3.3.2 A percepção das professoras quanto à afetividade no processo de ensino aprendizagem
3.3.3 A afetividade na relação professor/aluno e a influência das emoções
3.3.4 Prática docente e seus desafios
3.3.5 O papel do psicólogo e ações afetivas no âmbito escolar
3.3.6 Desestruturação familiar

Fonte: Dados da pesquisa

3.3.1 Perfil sociodemográfico e formação profissional das professoras entrevistadas

A fim de conhecer quem são as participantes da pesquisa foram sintetizadas algumas características pessoais das professoras entrevistadas, sendo elas sexo, idade, estado civil, local de trabalho, carga horária, etapas que lecionam e tempo de atuação profissional.

Quadro 2- Dados sociodemográficos das participantes

Professoras	Sexo	Idade (anos)	Estado Civil
Diamante	Feminino	41	Divorciada
Rubi	Feminino	49	Casada
Safira	Feminino	48	Divorciada
Água Marinha	Feminino	51	Divorciada
Jade	Feminino	47	Casada
Turmalina	Feminino	37	Casada
Ametista	Feminino	48	Casada
Esmeralda	Feminino	27	Casada
Turquesa	Feminino	38	Divorciada
Opala	Feminino	48	Divorciada
Citrino	Feminino	34	Casada

Fonte: Dados da pesquisa

Nota-se no QUADRO 2 que todas as entrevistadas são do sexo feminino com idade entre 27 a 51 anos, sendo que 6 (seis) delas são casadas e 5 (cinco) divorciadas. Por isso a denominação professoras e não professores, uma vez que participaram dessa pesquisa somente mulheres.

Segundo Dornelas e Porto (s/d) o magistério foi ideologizado desde o princípio no Brasil no século XIX quando as professoras ensinavam em suas próprias casas fazendo com que o aluno fosse parte no núcleo familiar da mesma. Esta profissão era considerada como uma missão sagrada, pois incorporava atributos da mulher como a maternidade e os cuidados que exercia com a sua família. Educar era antes que algo obrigatório, era considerado um ato de amor que se colocava nas mãos das mulheres a responsabilidade por guiar a criança e sua infância por meio da moralização e dos bons costumes. Fato que confirma a feminização do magistério, a saber:

Na história recente, quando pensamos na docência, os olhos e a fala de nosso pensamento se inclinam a associá-la à imagem feminina, sobretudo quando o alvo é o exercício dessa profissão em salas de aula do ensino infantil e do primeiro segmento do Ensino Fundamental surge a ideia da denominação da “feminização do magistério” (FERRAZ, s/d, p. 1, grifo do autor).

Quadro 3- Dados acerca do trabalho das professoras

Professoras	Local de trabalho	Período que leciona	Etapas que trabalha no fundamental	Tempo de atuação (anos)
Diamante	1 2	Matutino e vespertino	3º ano	8
Rubi	1	Matutino e vespertino	1º ano	20
Safira	1	Matutino e vespertino	5º ano	14
Água Marinha	1	Vespertino	3º ano	29
Jade	1 Outros	Matutino e vespertino	4º ano	22
Turmalina	1	Vespertino	5º ano	17
Ametista	1	Matutino e vespertino	2º ano	6
Esmeralda	1 Outros	Vespertino	4º ano	2
Turquesa	1	Matutino e vespertino	5º ano	13
Opala	2	Vespertino	1º ano	26
Citrino	1	Vespertino	3º ano	15

Fonte: Dados da pesquisa

No QUADRO 3 percebe-se que 10 entrevistadas trabalham na escola 1 (um), 3 (três) na escola 2 (dois) e apenas Diamante atua em ambas as escolas. Observa-se que 4 (quatro) entrevistadas trabalham em (2) dois locais, sendo que quando se refere a outros locais de trabalho a primeira Jade é na área escolar, e Esmeralda como autônoma.

Quanto à carga horária de atuação que lecionam, 6 (seis) trabalham em 2 (dois) períodos, matutino e vespertino, e 5 (cinco) somente em 1 (um) período. No que tange a questão da mulher na contemporaneidade há um crescente entre o seu espaço nos grandes cargos e diferentes

ramos do mercado, no qual exige da mesma uma constante qualificação que gera uma extensa carga horária e o sobrecarregamento com a tripla jornada de trabalho, ou seja, com a multiplicidade de papéis sendo mulher/dona de casa, esposa, mãe, profissional capacitada e com isso a cobrança de alcançar uma perfeição em tudo o que se faz (AMARAL; VIEIRA, 2009).

As doenças mentais estão cada vez mais visíveis e as mulheres cada vez mais propensas a fazer parte deste quadro. Assim, se o estresse é produzido por situações de tensão, provocando dor e sofrimento, podemos considerar que as empresas são hoje verdadeiras fábricas de estresse, onde seus colaboradores são submetidos a uma pressão intolerável em todos os níveis hierárquicos, podendo provocar uma explosão de doenças incapacitantes no campo físico e emocional dos indivíduos. O estresse ocupacional prolongado constante é vivenciado atualmente na grande parte da maioria dos trabalhadores, indiferente do gênero, provocando reações psíquicas e fisiológicas nas pessoas acometidas por este mal, por meio de sintomas que levam o indivíduo a depressão (PICOLI, 2013, p. 06).

A mesma autora ainda corrobora a ideia que, a fim de que se atinjam os padrões de sucesso da sociedade tanto a culpa quanto a frustração assolam e impossibilitam o alcance dos objetivos profissionais de forma satisfatória e com saúde mental.

Quanto às etapas do ensino fundamental em que as entrevistadas lecionam, 2 (duas) trabalham no 1º ano, 1 (uma) no 2º ano, 3 (três) no 3º ano, 2 (duas) no 4º ano e 3 (três) no 5º ano.

Quanto ao tempo de atuação profissional na rede municipal houve variação entre 2 (dois) a 29 anos. Segundo Tardif e Raymond (2000, p. 216) o tempo é um elemento para a construção da carreira de docência, que se constituem tanto pelos saberes adquiridos, quanto pelas experiências e conhecimentos profissionais que denotam sua subjetividade a sua prática. “A estrutura temporal da consciência proporciona a historicidade que define a situação de uma pessoa em sua vida cotidiana como um todo e lhe permite atribuir, muitas vezes a posteriori, um significado e uma direção à sua própria trajetória de vida”.

3.3.2 A percepção das professoras quanto à afetividade no processo de ensino aprendizagem

O conceito de afetividade que a presente pesquisa remete é a palavra afeto que segundo Rabecini e Parra (2015), tem o seu significado próximo à afeição, sentimento, emoção, paixão, um estado da alma que designa um estado de mudança ou alteração do corpo e da mente. Reis

(2010) salienta que é o afeto um estado psicológico do sujeito, imbricado com os sentimentos e as emoções de forma profunda, que definem sua personalidade, a forma como o mesmo vê a si, o mundo e as pessoas.

Freud ampliou o conceito de emoção para o afeto afirmando que o que é registrado na psique são as representações afetivas vinculadas às experiências emocionais (CASANOVA; SEQUEIRA; SILVA, 2009). Assim, esta categoria dará maior ênfase na visão das entrevistadas frente ao que é a afetividade. As mesmas relataram que:

É uma forma educada, carinhosa, de tratar as pessoas, com cordialidade, com gentileza, com respeito, com educação sempre que possível com um sorriso. Ser atenciosa com as pessoas (Diamante).

Afetividade para mim é todo sentimento que a gente transmite de pessoa para pessoa e para os mais próximos. É o amor que a gente sente pelo outro e o afeto, ele modifica o modo de pensar e de agir dos seres humanos, e quando amamos alguém queremos o bem daquela pessoa e lutamos para vê-la feliz (Rubi).

É um estado psicológico do ser humano que pode ou não ser modificado a partir das situações. Aqui está um condensado né! Afetividade é algo muito importante! Porque está presente em todas as áreas da vida, potência o ser humano e revela os seus sentimentos (Safira).

É um modo carinhoso, agradável, que se tem nos relacionamentos interpessoais (Jade).

Característica de quem é afetivo, amoroso, reconhece e responde aos sentimentos alheios (Turmalina).

Afetividade para mim é quando você tem uma harmonia com a pessoa, um carinho, uma segurança com aquela pessoa (Esmeralda).

Afetividade é algo muito importante! Porque está presente em todas as áreas da vida, potência o ser humano e revela os seus sentimentos (Opala).

Todas as professoras trouxeram conceitos semelhantes acerca da afetividade, de forma a agregar a pesquisa, no qual se referiram a sentimentos e emoções que são vivenciados e construídos na decorrência das relações com o meio em que se encontram, podendo se manifestar de diferentes formas através das palavras, das expressões faciais, gestos, atitudes.

Dessa forma, entende-se a afetividade para Wallon de acordo com Almeida (2008) que trata-se da identificação do domínio funcional que se manifesta através das primeiras experiências orgânicas do ser humano.

Entende-se por afeto os conteúdos psíquicos que definem a personalidade do sujeito, um conjunto de emoções e sentimentos que dá qualidade ao que é afetivo. É o que o ser humano sente de si, dos outros e do que constitui o mundo, determinando seus comportamentos e atitudes (ALMEIDA, 2008).

Segundo Garcia (2014) desde o nascimento o sujeito já está sendo afetado pelas relações interpessoais. E a maneira como a pessoa é afetada poderá aumentar gradativamente ou diminuir a sua motivação, a sua vontade de agir.

Quando questionadas sobre qual percepção acerca da afetividade e se consideram a mesma um instrumento importante no processo de ensino-aprendizagem, as respostas das participantes foram às seguintes:

Este processo de ensino aprendizagem equivale a 70% da aprendizagem do aluno. E quanto mais afeto a gente tem pelo aluno, mais a criança tem a possibilidade de aprender e quanto mais a gente dedica o tempo da gente, o amor para ele, mais ele tem condição de aprender. Então eu acho que esse ensino aprendizagem sem o afeto, sem ao amor ele não funciona, ele precisa de ambos os lados, tanto o professor tem que ter afeto com o aluno, como o aluno ter afeto pelo professor. Mas também deve-se ter regras né! (Rubi).

A afetividade é extremamente relevante na construção do conhecimento, ela está relacionada com as experiências sociais, à medida que se desenvolve, reforça comportamentos né que é estimular ou desestimular e controlar os movimentos e organizar as relações entre as pessoas (Safira).

Sim. A afetividade se faz presente em todas as áreas da nossa vida. E na sala de aula ela influencia o crescimento cognitivo e o desenvolvimento emocional da criança e já que é função da escola a formação integralmente do nosso aluno a gente tem que considerar né eu acho que a afetividade é importante sim (Ametista).

É indispensável à afetividade no processo de ensino- aprendizagem. O ensinar e o aprender é uma arte! E toda arte deve conter detalhes minuciosos porque ela acontece. E com o processo de ensino-aprendizagem não é diferente é preciso trabalhar com amor, passar esse amor para o educando. Caso contrário ele deixa a desejar! Dentro da sala de aula deve-se ter uma rotina e regras porque senão o aluno pensa que o professor tem que ser bom o tempo todo e aí entra o lado negativo, pois a afetividade será interpretada como uma falta de limites (Opala).

As professoras acima consideram a afetividade um instrumento importante dentro da sala de aula, sendo um recurso essencial no processo de ensino-aprendizagem, o qual na visão delas pode motivar no aluno o desejo de aprender. Mas destacam que devem se ater as questões das regras e limites, pois os alunos podem interpretar afetividade como a falta de limites e isto

influência de forma negativa no relacionamento do professor/aluno na sala de aula, levando até mesmo a falta de respeito.

A questão das regras muitas vezes é confundida com disciplina, que é algo do controle excessivo, mas nesse contexto escolar, as regras devem ser impostas de forma natural, evitando castigos e outros comportamentos negativos. Segundo Ricordi (2015, p. 01):

Teóricos tradicionais ou não, concordam quando o assunto é apresentar limites às crianças, para que tenham uma melhor convivência social, que compreendam que atitudes podem ter, para que não se tornem preconceituosos e para que desenvolvam um pensamento crítico – social mais consistente e atuante[...] assim sendo, deve-se apresentar regras para as crianças, para que aprendam a necessidade de segui-las.

3.3.3 A afetividade na relação professor/aluno e a influência das emoções

Faria (2010, p. 20) afirma que a escola é uma instituição provedora de experiências diversas, propiciadora de desenvolvimento da criança como um todo, é neste ambiente em que as relações interpessoais com outras pessoas além dos pais ocorrem. “É através dessas experiências tanto com o mundo escolar e o social que a criança aprende, pois elabora e reestrutura um dos aspectos que nos caracterizam como seres humanos: o aspecto afetivo”.

As seguintes falas demonstram a visão das professoras quanto a relação professor/aluno e o seu significado no processo de ensinar:

Ela tem que ser mais próxima, se tem que tentar ser amigo do aluno, fazer com que ele confie em você, que ele goste de você (Diamante).

Eu acho assim que quando o professor é mais afetivo com o aluno, o aluno se torna mais participativo, ele quer aprender mais, ele quer demonstrar mais interesse pela aula, o processo é muito mais significativo (Rubi).

A relação entre professor e aluno ele é um fator determinante para a sua aprendizagem do aluno e para tornar esse processo mais produtivo e prazeroso. O professor tem que saber ouvir, tem que refletir, discutir o nível de compreensão dos mesmos e criar pontes entre o conhecimento. O aluno ele deve ser considerado um ser, assim, interativo e ativo no seu processo de construção do conhecimento (Safira).

Claramente, quando o professor é afetivo, se aproxima mais da criança e pode promover um ambiente de acolhimento e autoestima isso ajudará a criança a alcançar com êxito os seus objetivos na aprendizagem. A relação de professor/aluno com a afetividade é básica porque ele vai aprender se ele tiver vontade, então para a gente fazer como se diz, a mágica dele querer, o

professor deve ser um mediador na aprendizagem da criança. Deve ser ponte que leva acesso ao conhecimento e a criança com estímulos chegará a aprendizagem. O professor tem que andar lado a lado para mostrar um caminho para ele aprender, ensinar a direção, lado a lado mediando (Turmalina).

O professor para mim é o mediador do processo né, então ele possibilita o aluno a construir o conhecimento sempre estimulando e motivando eu acho que a resposta dele vai ser conforme o seu estímulo, conforme vai ser a resposta satisfatória que você quer ou não. E a gente tem que estar sempre motivando para aumentar a autoestima deles, inclusive para eles se tornarem mais autônomos, mais independentes (Ametista).

O processo de ensino aprendizagem exige uma boa relação entre o professor e o aluno. O papel do professor é fundamental para que isso aconteça de forma sadia, ambos devem gostar e respeitar um ao outro, impor regras e limites de maneira afetiva (Opala).

Observa-se que as professoras destacam em suas falas o quão é importante a relação do professor e aluno, destacando que quando esta relação é mais próxima, o processo de compartilhamento de informações se torna mais eficaz e o aluno se sente seguro, acolhido, motivado, respeitado e tem cada vez mais o desejo de aprender e de agradar o professor que se torna figura de referência. Além de que, é trabalhado com o aluno a autoestima, a autonomia, os limites, valores, o reconhecimento de ser um cidadão e as habilidades sociais, ou seja, no processo de aprendizagem o desenvolvimento da pessoa acontece de forma continua e potencializada, o que remete a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) de Vygotsky.

O conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) foi desenvolvido por Vygotsky para discutir a relação direta entre aprendizagem e desenvolvimento, no qual é através das experiências vivenciais e mediadas do sujeito que geram mudanças, e, portanto, impulsionam o processo do desenvolvimento humano (SOUZA; ROSSO, 2011).

A concepção comumente difundida sobre a zona de desenvolvimento próximo pressupõe uma interação em uma tarefa entre uma pessoa mais competente e uma pessoa menos competente, de forma que a pessoa menos competente se torne autonomamente proficiente naquilo que de início era uma tarefa realizada conjuntamente (CHAIKLIN; 2011, p. 661).

Zanella (1994) refere-se ao homem como construtor e determinante da sua história que sofre um processo de maturação, ou seja, um complexo desenvolvimento desde a tenra idade até a vida adulta, onde Vygotsky, especificando as questões ontogenéticas e a inter-relação do desenvolvimento compreende essa fase em dois níveis. O primeiro é o desenvolvimento real da criança quando esta consegue resolver certas atividades sozinhas, no qual já construiu funções psicológicas até o determinado momento. Já o segundo nível de desenvolvimento potencial

trata-se do conjunto de atividades que sozinha ela ainda não consegue realizar, e precisa de uma outra pessoa, seja um adulto ou criança mais experiente para lhe orientar. Vygotsky ainda frisa que o segundo nível é mais indicativo do que o primeiro, porque refere-se à níveis já completos, enquanto o segundo indica o desenvolvimento referente ao futuro da criança.

Essas três direções, no entanto, apresentam um fator em comum que é destacado por Vygotsky: a imitação. Em razão da imitação, capacidade que constitui o principal mecanismo do desenvolvimento, cria-se a Zona de Desenvolvimento Proximal; quando a criança imita alguém, ela está agindo de forma superior às suas condições reais de atuação, fato que remete imediatamente à noção de ZDP. Rever o papel da imitação implica olhar de uma maneira diferente tanto o jogo quanto a educação escolar; a situação de brinquedo exige um autocontrole que possibilita à criança contrariar seus impulsos imediatos. No jogo há a fantasia, a imaginação, e é dessa forma que a criança internaliza seu próprio papel social, bem como aquele das pessoas que a rodeiam. Em contrapartida, a criança em idade escolar utiliza-se da imitação como fator propulsor de aprendizagens, as quais só podem ocorrer em interações sociais que incidam na ZDP (ZANELLA, 1994, p. 05).

Faria (2010) salienta que na obra de Wallon existe uma base cognitiva e afetiva no processo da aprendizagem e que a afetividade permeia um vínculo de confiança entre professor e aluno que se torna necessário durante este processo tanto para quem ensina quanto para quem aprende. Sendo que a base afetiva envolve as relações professor/aluno e, portanto, a construção do conhecimento requer uma ação que seja compartilhada.

Os conhecimentos são construídos por meio da ação e da interação, o sujeito aprende quando se envolve ativamente no processo de produção do conhecimento, através da mobilização de suas atividades mentais e na interação com o outro. Portanto, a sala de aula precisa ser espaço de formação, de humanização, onde a afetividade em suas diferentes manifestações possa ser usada em favor da aprendizagem, pois o afeto e o intelectual são faces de uma mesma realidade, ou seja, é essencial para o desenvolvimento do ser humano (FARIA, 2010, p. 18).

De acordo com Milan, Garms e Lopes (2011) trabalhar o aspecto da afetividade na visão Walloniana na escola, com a relação do professor/ aluno é aprender a lidar com as suas próprias emoções, com os seus conflitos internos e com o conflito eu com o outro.

Quando as professoras foram indagadas se possuem controle sobre suas próprias emoções e se os comportamentos das crianças são influenciados pelo que responderam:

Sim, na maioria das vezes, porque o aluno não pode ser responsabilizado pelos meus problemas. Influencia porque quando a gente está nervosa, ele percebe porque a expressão do nosso rosto muda, o tom da voz muda, mesmo que eu

trate ele com educação, mas o tom da voz muda, aí ele percebe e aí ele fica agitado, ele fica inquieto, ele também fica nervoso (Diamante).

Eu acho que essas emoções a gente têm que saber diferenciar, tem que saber o que é da sala de aula e o que não é, eles já chegam com uma bagagem tão densa, tão pesada que se eu ainda for trazer alguma coisa pessoal para dentro da sala vira um maremoto, um caos (risos). Influencia e muito se você está alegre rapidinho eles pegam ali e entram no ritmo (Jade).

Com certeza! Eu tento a cada dia controlar minhas emoções ao ensinar/educar, porque eles sugam o que tenho para oferecer e apreendem também com os meus sentimentos. Eles aprendem o sentimento, então eles aprendem a entender os sentimentos deles e eu aprendo comigo e quando eu estou nervosa eles também ficam, se eu estiver calma eu já percebi que quanto mais eu estiver serena melhor será o rendimento. Como que eu vou querer uma serenidade se eu não tenho, como que eu vou querer paz na sala se eu não tenho (Turmalina).

Acaba como se diz você não consegue entrar dentro da sala de aula e deixar suas emoções tudo lá fora, então quando você está estressada, um pouquinho mais nervosa acaba que o aluno na inocência ele percebe. Influencia bastante, quando a gente está mais irritada eles parecem para tentar te tranquilizar, e aí eles ficam mais tranquilos, então quando você vem mais tranquila eles sabem que eles podem ficar mais soltos também, então eles ficam um pouquinho mais agitados mais assim para o lado bom, eles conversam mais, trocam mais ideia, tem uma liberdade maior (Esmeralda).

Todas as falas confirmam que as professoras tentam ter maior controle de suas emoções quando estão dentro da sala de aula, até mesmo quando estão com problemas, mas também destacaram que quando o problema é particular e muito sério elas não conseguem se concentrar e os alunos fazem a leitura corporal e percebem que algo de errado está acontecendo. Além do que essas emoções influenciam diretamente de forma positiva ou negativa no comportamento dos alunos que acabam refletindo o comportamento do professor, e, por conseguinte suas emoções naquele momento.

Souza (2011) enfatiza que o professor é mediador do conhecimento e deve entender a importância que os seus gestos e expressões influencia os discentes seja de forma positiva ou negativa, sendo que este último atrapalha o desenvolvimento do conteúdo escolar e, portanto, a construção do conhecimento.

As falas de Safira, Ametista e Turquesa confirmam sobre a estimulação das emoções dentro da sala de aula:

Temos que diferenciar isso acima da gente ser rígida a gente tem que colocar os sentimentos que é o amor, o carinho, o respeito.

A gente sempre trabalha valores dentro da sala e demonstrar sentimentos de alegria, sentimentos bons.

Deixar de ter afetividade também e ser carrasco o tempo inteiro né, criticar o aluno pedir e cobrar mais já é negativo, tem que ser na medida certa com carinho, atenção.

De acordo com Brust (2009) o professor deve ter a sensibilidade acurada a ponto de observar se o aluno está com algum problema ou não, se o mesmo consegue manter o controle das emoções como raiva, tristeza, ódio, medo dentre outras, e se as mesmas estão interferindo no seu desenvolvimento escolar. É através do diálogo e de uma boa escuta que o professor consegue ajudar o aluno de forma natural na resolução dos seus problemas.

A fala de Safira complementa o controle que o professor deve ter na sala de aula e saber identificar a emoção no momento certo e com cautela.

Se for num momento de raiva, quando a raiva explode todos nós precisamos de um pouco de ar, um momento só para nós para inclusive os alunos né! Aí temos que pedir cuidadosamente para que o aluno se retire dependendo para ele poder acalmar um pouquinho para a gente até oferecer uma oportunidade para que na sala de aula a gente possa entender a situação e resolve-la naquele momento o episódio que aconteceu, para acalmar os ânimos.

Dessa forma, a figura do professor é muito importante no processo de ensino aprendizagem, uma vez que a escola possui o papel de construtor da personalidade daquele sujeito, e, portanto, o professor deve conhecer cada um dos seus alunos, reconhecendo as dificuldades e limitações (BRUST, 2009).

Na escola como em qualquer outra instância social, o indivíduo está presente como pessoa completa, sujeito de conhecimento e de afeto. Portanto, a escola não deve negligenciar; subestimar ou até mesmo suprimir o espaço da emoção em suas atividades. A escola e, principalmente, o adulto precisam conhecer o modo de funcionamento da emoção para aprender a lidar adequadamente com suas expressões. O professor deve permitir que a emoção se exprima, para o que é essencial entender como ela funciona para não entrar no circuito perverso e, assim, dificultar o desenvolvimento emocional da criança (FARIA, 2010, p. 15).

De acordo com Rabecini e Parra (2015) o afeto não se limita ao abraço, beijos e carícias, mas sim tudo que envolva o contato humano, como momentos de diálogo, de uma boa escuta entre outros.

Desse modo, os alunos vão construindo o conhecimento como sujeitos históricos. A interação pessoal, no processo de ensino, torna o aprendizado mais motivado, pois partindo dos seus conhecimentos e interagindo com os conhecimentos dos demais colegas e com a experiência do professor vão sendo criadas condições para melhor compreensão do conteúdo que está sendo trabalhado pedagógico que desafie os alunos na construção dos conhecimentos, havendo uma interação e a socialização dos conteúdos na elaboração de novos conceitos (SOUZA, 2011, p. 27).

Deve-se ressaltar que a afetividade é importante para o processo de ensino aprendizagem, mas não é o único fator determinante, e sim mais um elemento complementador que contribui para uma aprendizagem significativa. Este processo deve ser permeado por respeito mútuo, compreensão, confiança e motivação (BRUST, 2009).

Souza (2011) reafirma que o processo de aprendizagem vai além de apenas transmitir o conteúdo programático, envolve principalmente o domínio da técnica em busca da mudança e desenvolvimento pessoal.

Deste modo, o que se percebe segundo Lopes (2013) é que o meio social possui forte influência sobre a pessoa e que o ambiente deve ser favorável para o desenvolvimento deste, sendo a escola um ambiente significativo, propiciador de conhecimento e das interações interpessoais. Deve-se considerar ainda que tanto o desenvolvimento pessoal quanto o da aprendizagem é constante e por toda a vida.

O que ficará arraigado em nós será a imagem desse professor, a imagem daquele que passou rapidamente ou daquele que nos acompanhou dias afino. Essa imagem permanecerá por muito tempo quem sabe até o fim da vida. Muitas vezes não conseguimos lembrar de todos os professores que passaram por nossa trajetória acadêmica, mas com certeza iremos nos lembrar daqueles que de uma forma ou outra deixaram marcas superficiais ou profundas em nosso ser. Marcas essas que não especificamente forma de amor ou carinho, mas marcas de falas, trabalhos solicitados, práticas pedagógicas, um conselho, um gesto ou um olhar. E este se reproduzirá de maneira sutil ou motivador de inspiração (ALMEIDA, 2015, p. 20).

3.3.4 Prática docente e seus desafios

Durante muitos anos a função do professor era atribuída especificamente aos aspectos cognitivos do aluno, e, portanto, suas tarefas eram definidas. Mas na atualidade a prática docente existe uma complexificação do contexto e consenso social que aumenta as exigências do que é na verdade ser professor (LOPES; GASPARIN, 2003).

Segundo Gonçalves (2008) as dificuldades brasileiras relacionadas ao contexto e atual situação econômica é alarmante e preocupa a classe de docentes, pois a educação é um direito de todos, é gratuita e obrigatória, segundo o Estado, entretanto falta a democratização do saber. Não bastam colocar todos os alunos dentro de uma sala de aula e obrigar que o processo de ensino aconteça, muito além disso, deve-se ensinar as pessoas a serem cidadãos críticos, considerando a inversão de valores e desestruturação familiar na atualidade. Nesta perspectiva exige-se do professor uma práxis consciente e transformadora, uma vez que na verdade o ensino que lhes propõem na realidade acaba sendo mascarado com a alienação.

Nesse mesmo viés as falas das entrevistadas demonstram algumas das dificuldades encontradas na prática docente.

Como eu trabalho com crianças pequenas eu sou mãe deles porque eles ficam muito tempo com a gente. Eu me emociono e às vezes fico chateada quando a criança chega com problemas e muitas das vezes a gente não consegue resolver (Rubi).

A gente também é uma psicóloga dentro da sala porque muitas vezes a gente lida com problemas e até sente dificuldade em estar solucionando, a gente tem que lidar com esse tipo de problema que acontece durante o dia a dia. Tem anos que as turmas são bem difíceis mesmo que você crie regras. Pelo pouco que eu sei de psicologia eu não dou conta de resolver todos os problemas que aparecem (Água Marinha).

Como é escola de bairro né eu busco ser mãe de cada um. Eu percebi principalmente quando eu vim trabalhar em escola de bairro. Cada aluno tem um probleminha, tem uma carência, então dentro da sala de aula o professor tem que estar atento a isso. Eu tento conciliar lógico que a gente não consegue atender a tudo da maneira que deveria (Jade).

Professor tem que ser psicólogo às vezes, tem que ser polícia, tem que ser médico, tem que ser de tudo não só ensinar é ser tudo um pouco (Turmalina).

Então é delicado demais ser um educador e hoje um professor precisa ser psicólogo, pai, mãe de tudo um pouco, e até quando você recebe um problema de um aluno a gente tem que saber solucionar, a gente tem que conseguir por mais difícil que seja, por mais dramático que seja (Turquesa).

De acordo com as falas das professoras observa-se grandes desafios de lecionar, com problemas complexos, com os que os alunos vivenciam em casa, na família e que acabam refletindo dentro da sala de aula, influenciando diretamente o processo de ensino aprendizagem desses alunos, e levando as professoras a se colocarem como "verdadeiras psicólogas", executando diversos papéis na tarefa de ser professor. Acima observa-se que Rubi e Água Marinha deixam transmitir os sentimentos que sentem ao vivenciar tais situações conflitantes sem a devida capacitação profissional que um psicólogo possui.

Segundo Miranda (2017) a classe de professores é considerada uma profissão de alto risco, sendo classificado como a segunda categoria a portarem mais doenças ocupacionais devido as situações estressoras nesse ambiente. Essas condições podem ser explicadas devido à constante mobilização das capacidades físicas, cognitivas e afetivas que geram desgastes nos diferentes aspectos da integralidade deste profissional. Além disso, devido às exigências da sociedade, sua prática não se limita apenas à sala de aula, por ser considerado um difusor do ensino, ter um olhar completo das situações conflitantes entre o movimento do aluno, da comunidade e da família e considerando o seu manejo com as relações interpessoais o seu papel perpassa situações muito complexas. Todas essas questões requerem do professor boas habilidades sociais, que supra suas emoções e protejam sua estabilidade emocional.

Além disso, coloca-se a competência do professor em cheque, uma vez que ele participa de uma instituição que não é neutra, e onde cobra-se insistentemente o protagonismo deste agente, sem lhes proporcionar recursos ou suporte suficientes para que isso seja cumprido (MIRANDA, 2017, p.20).

Ainda segundo a mesma autora, são diversos os problemas encontrados pelo professor na atualidade, mas o que se observa é a cobrança excessiva dessa classe trabalhadora, com irrisórios salários, um alto índice de desmotivação e ambientes precários de adoecimento emocional. Além disso, os professores são expostos a diversas doenças e transtornos dentre alguns recorrentes são a Síndrome de Burnout e a depressão, no qual se considera um fator que recorre é a sua extensa carga horária de trabalho. Essas consequências não se limitam apenas a vida particular dos professores, mas também repercutem na organização escolar e, portanto, no processo de ensino. Os desafios dessa prática são inúmeros, mas deve-se ter em mente que deve ser promovido a conscientização e prevenção, com a criação de programas regulares e obrigatórios para evitar o adoecimento global. Essas ações poderão diminuir significativamente a densidade do sofrimento e exaustão, e promover uma educação eficaz e significativa na vida do educando.

Observa-se segundo de acordo com Gonçalves (2008), que os professores não possuem incentivos constantes de participarem de formação continuada, o que é obrigação do Estado e dos Municípios fornecer tais subsídios. Nesses cursos os conhecimentos didáticos-metodológicos são fundamentais para a instrumentalização do professor que o torna capacitado para uma prática pedagógica eficaz.

Mas, para além de tantas dificuldades encontradas as entrevistadas deixaram transmitir o amor que possui pela sua prática e pelos alunos, a saber:

Hoje, alguns anos a gente vai refletindo a prática docente, eu vejo que hoje eu sou muito mais flexível, muito mais aberta, eu brinco com os meus alunos. Eu ouço eles, a cada dia eu faço uma reflexão do que tenho que melhorar (Diamante).

Sou muito afetiva, e tudo que faço na vida eu faço com amor eu me ligo muito a família dos meus alunos (Rubi).

Amor a profissão que o professor tem que ter primeira coisa, ser professor é um dom de Deus não é para qualquer um (Água Marinha).

Particularmente eu trato meus alunos com carinho, eu gosto que eles se sintam bem dentro da sala e foi uma promessa que fiz quando me formei de não tratar nenhum aluno de forma diferenciada, porque na minha época havia muito disso (Jade).

Eu sou muito afetiva, sou muito apegada aos meus alunos (Esmeralda).

É preciso trabalhar com amor, passar esse amor para o educando (Opala).

Me considero muito afetiva, gosto de ouvir, saber sobre os alunos e falo sobre o que eu gosto (Citrino).

Diante as falas as professoras remetem sobre a prática docente, na qual enfrentam constantes desafios, mas, além disso, repercutem o amor que sentem em serem professoras.

A paixão que me refiro aqui não é aquela com a qual estamos acostumados, como aquela em um mundo cor de rosa. A paixão que quero me referir é aquela em que o professor se transpõem e supera, diante das mais diferentes dificuldades encontradas no seu dia a dia. O real motivador que a faz olhar para o aluno além de sua classe social ou de um conjunto de valores a que a sociedade o condena [...] um amor ao que está se fazendo, uma vontade voraz de procurar caminhos melhores, e práticas mais consistentes para que dê conta desse sentimento formador. Preocupadas sempre com aquele que aprende e como aprende (ALMEIDA, 2015, p. 24).

3.3.5 O papel do psicólogo e ações afetivas no âmbito escolar

Oliveira e Araújo (2009) afirmam que a área da educação passou a ser considerada com um dos campos de atuação do psicólogo. A priori, as queixas predominantes no contexto escolar era a dificuldade de aprendizagem do aluno para a obtenção de boas notas. Com essa realidade se insere à figura do psicólogo escolar ou também considerado como psicólogo educacional, com o intuito de resolver os problemas que eram manifestos neste espaço. Infelizmente a figura do psicólogo passou a ser visto dentro da escola como um médico devido suas intervenções em abordagem clínica a esses métodos, e a patologização e psicologização do aluno foram enfatizados recorrendo alguns danos, por que este modelo de intervenção passou a culpabilizar

o aluno pelas suas dificuldades, e a isenção de outras partes como o professor, a metodologia ou o próprio contexto familiar e educacional.

Além disso, a aplicabilidade dos conhecimentos psicológicos na educação sem a devida reflexão, análise e planejamento, acabavam por gerar processo de exclusão em relação a um conjunto de alunos, uma vez que tais conhecimentos eram apropriados de forma descontextualizada e sem referência à natureza histórico-cultural do ser humano, desconsiderando a realidade social dos alunos e de suas famílias (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2009, p. 650).

Ao longo dos anos a psicologia passou a rever o papel do psicólogo dentro das instituições denominadas escolas e a aprimorar os seus princípios, técnicas e métodos. Com isso o psicólogo escolar tem grande nicho de trabalho e práticas psicológicas que lhe foram concedidos ao longo dos anos (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2009).

Quanto a essa questão do psicólogo no âmbito escolar as entrevistadas responderam:

Uma vez eu perguntei várias vezes para uma psicóloga o que ela achava sobre determinado aluno e ela simplesmente não sabia me responder, ela falava que ainda não sabia responder porquê no determinado número de sessões não poderia consolidar qual era o problema. Aí eu penso assim não é um psicólogo educacional é como se estivesse fazendo um “bico” (Diamante).

Eu acho que no meu entender o papel do psicólogo no caso é muito raro aqui para nós, a realidade é outra né, seria mostrar para nós professores baseando nas ideais da psicologia claro! Mostrar para nós as nossas atitudes: olha a sua atitude não está correta perante, frente a este problema e as relações afetivas e os comportamentos que às vezes a gente tem e está errada, muitas vezes a gente como professor peca neste assunto, neste momento, falta de alguém chegar para nós e falar não isso está correto, ou então você pode trabalhar este lado em você. O papel do psicólogo eu acho que entra aí na escola, é ele está mostrando as atitudes, relações de afeto, os comportamentos né! A desvalorização da psicologia dentro da escola é muita! Deveria ter um profissional desse na escola o tempo todo (Safira).

Eu concordo que ajuda bastante desde que tenha uma parceria que ele possa, por exemplo, pegar a criança, avaliar e depois falar com a gente o que a gente tem que está fazendo para estar melhorando. Agora quando ele pega às vezes a criança e depois não fala nada essa parceria não existe (Ametista).

Eu considero importantíssimo, eu acho que toda escola deveria ter um psicólogo, assim em tempo integral porque é muito importante. Quando tem um trabalho do psicólogo dentro da escola a gente vê a diferença, praticamente todas as salas tem os seus problemas, então um profissional de psicologia dentro da escola faz toda a diferença. A gente não está tendo, nem atendimento contínuo, era de vez em quando e já faz a diferença então é importante, teria que ter (Turquesa).

O papel do psicólogo seria muito importante na escola, para trabalhar de forma mais individualizada com a criança não somente com a criança mais também com o professor, pois lidamos com crianças diferentes e por ser muitas, e muita coisa para ser trabalhada, às vezes algum detalhe na criança pode passar em vão. Por mais que o educador conheça o aluno pode ter alguma coisa que poderia ser feito. Acho que toda escola deveria ter um psicólogo! (Opala).

Acho superimportante essencial pode agregar muito a nossa prática! (Citrino).

Algumas professoras disseram que o psicólogo não é “bem visto” pelos professores porque os mesmos buscam uma resposta do “problema” de seus alunos e não tem um retorno. Considerando que muitas vezes as professoras não sabem qual é o papel e as funções de um psicólogo escolar, muitas buscam respostas, com pouquíssimas sessões e sem ter um trabalho contínuo que deveria ser estimulado pelo poder municipal. Uma das funções do psicólogo não é ensinar para o professor a sua atuação, essa prática pode ocorrer de outras formas, como rodas de conversa, reuniões em que as maiores dúvidas poderiam ser esclarecidas. Quanto as informações da criança são sigilosas e na maioria das vezes o psicólogo por questões éticas, não pode transmitir tais informações para o professor, e este deve se ater ao que é da sua prática e ao que é de sua “curiosidade”.

Sendo assim, Santos e Gonçalves (2016, p. 07) corroboram a ideia de que a psicologia escolar foi reconhecida como uma das modalidades de atuação do profissional psicólogo em 1992, pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), tendo como uma de suas funções a interação com o aluno e com o professor mediando o conhecimento, além de buscar melhorias ao processo educacional e analisar como o conhecimento está sendo transmitido no processo de ensino-aprendizagem. “Desta forma, esse profissional deve contribuir para otimizar o processo educativo, entendido como um complexo processo de transmissão cultural e de espaço de desenvolvimento da subjetividade”.

Os autores citados afirmam que o psicólogo escolar pode atuar em instituições como escolas, creches, cursos para pré-vestibulares entre outros e poderá trabalhar juntamente com os professores, os alunos, profissionais, pais e comunidade mantendo um trabalho preventivo. Todavia é na relação do aluno e do professor que o psicólogo terá um maior enfoque (SANTOS; GONÇALVES, 2016).

Psicólogos reconheceram a necessidade do suporte ao professor através da utilização de alguns recursos como: o estabelecimento de reuniões interdisciplinares, elaboração de formações de professores para que se trabalhe esse lado mais pessoal e afetivo, assim como a utilização de práticas

que os ajudem a entrar em contato com os sentimentos, valores, projetos de vida, metas etc. (GASPAR; COSTA, 2011, p. 126).

O psicólogo deve acolher o professor e se colocar disponível para encontros futuros a fim de que haja discussões e uma boa comunicação para o desenvolvimento de melhores conteúdos programáticos e recursos didáticos. É fundamental a parceria entre professor e psicólogo, pois muitas escolas não trabalham os processos afetivos e conflitivos que se desenrolam nos trâmites da sala de aula (GASPAR; COSTA, 2011).

Neste mesmo viés, Santos e Gonçalves (2016) afirmam a importância e a presença do psicólogo na equipe multidisciplinar existente dentro do contexto escolar, pois o mesmo tem muito para contribuir ao processo educacional no qual proporcionará melhorias e a análise de cada aluno de forma holística. O psicólogo atuará frente às ordens cognitivas que estão envolvidos tanto com o processo de ensino aprendizagem quanto com o desenvolvimento afetivo.

As entrevistadas foram indagadas se existe de forma concreta ações afetivas dentro da sala de aula. As respostas foram:

Uai acho que sim, quem faz o melhor trabalhinho ganha algo um bombom, uma bala, tem também atividades de arte com recorte, porque arte não é só colorir né! Tem a aula de leitura no pátio, leituras em gibis e filmes (Diamante).

Existe sim, o tempo todo! Tem as atividades de poemas, arte na sala, às vezes eu percebo que a criança está precisando trabalhar as palavrinhas mágicas aí a gente trabalha esse tema. Também tem desenhos para colorir, caça-palavras relacionadas ao tema amizade, amor, contação de histórias no qual eles buscam inventar historinhas, e jogos como lego, leitura que auxilia no processo de alfabetização pelo menos uma vez por semana e principalmente utilizado no reforço (Rubi).

Sim, a gente faz trabalhos em grupos, dinâmicas, rodízio de pessoas para fazer a oração, literatura e trabalham poemas (Safira).

Existe e muito em artes, a gente trabalha não só o desenho, mas também com fantoches, histórias, tem momentos de canto e de dança (Água Marinha).

O trabalho feito na sala de aula é interdisciplinar né então a arte está interligado com ciência, ciência está ligado lá no português, o texto que você faz a leitura e faz a dramatização lá na frente (Jade).

Há o tempo todo! Além da demonstração de afeto dentro da sala de aula eu faço dinâmicas e faço reflexões ao final do semestre ou da semana para que os alunos pensem no que podem melhorar ou no que está bom, falar sobre si para se conhecer melhor e aqueles que estão ao seu redor (Turmalina).

Tem brincadeiras, tem dinâmicas, tem textos que podem ser trabalhados de forma diferenciada, jogos (Ametista).

Sim, brincadeiras, troca de diálogos, não só de matérias do conteúdo, mas se algo não está bem procuro sempre valorizar o abraço e também trabalhos em duplas, mas sempre fazendo o rodízio para evitar as “panelinhas” (Esmeralda).

Sim, muitas né! Roda de conversa abordando temas atuais como drogas, respeito, cidadania, democracia. A roda de conversa tem que existir pelo menos um minuto por dia, e esclarecer as dúvidas porque eles vêm cheios de dúvidas, principalmente nessa fase em que eles estão, a gente trabalha também dinâmicas (Turquesa).

Sim, os jogos, as histórias lidas e contadas, as conversas, relatos cotidiano, brincadeiras, dinâmicas para motivá-los (Opala).

Sim, eu faço um bingo diferenciado com os fatos fundamentais, com gramática e busco trazer prêmios para todos e às vezes somente o aluno que acertou no bingo que ganha algo. Mas eu busco ensinar para os meus alunos que na vida nem sempre é só ganhar (Citrino).

Observa-se que as entrevistadas muitas vezes confundem o aspecto da afetividade com a técnica do reforço utilizado pelos psicólogos, entretanto na visão das mesmas e diante as suas experiências profissionais as ações afetivas concretas realizadas por elas se referem a ter momentos de conversas sobre assuntos variados com os alunos. Por exemplo, de acordo com a fala de Turquesa, os adolescentes apresentam muitas dúvidas nessa fase, além disso, a demonstração de afeto com carinho, atenção, a valorização do abraço, dramatizações, momentos de leituras, fora da sala de aula, como no pátio da escola, utilizando fantoches, criação de histórias, momentos de canto e dança, jogos, dinâmicas, atividades de recorte na matéria de artes. Ações essas que são para as professoras atividades que envolvem o afeto e que as mesmas fazem em sua prática no contexto escolar.

A palavra afeto segundo Rabecini e Parra (2015) tem o seu significado próximo à afeição, sentimento, emoção, paixão, um estado da alma que designa um estado de mudança ou alteração do corpo e da mente. Ainda, segundo os autores, o afeto não se limita ao abraço, beijos e carícias, mas parte do princípio de um elogio, de uma escuta e conversa atenciosa, da valorização de ideias, ou seja, tudo o que envolva o contato humano e a subjetividade.

As professoras também consideraram o diálogo como uma importante ação afetiva e como uma prática corriqueira na relação aluno/professor. Tais ações citadas remetem à ideia de que deve-se utilizar métodos lúdicos e prazerosos com as crianças, mas não se pode abster a questão da afetividade diariamente, pois esses métodos serão apenas um processo de abstração

de informação, onde o aluno “recebe” informações de forma pontual, que não será significativa e que não surtirá a motivação para a constante aprendizagem.

Como a escola é um ambiente promotor de ações no desenvolvimento infantil, cabe ao professor ter um papel de provedor desse desenvolvimento, utilizando-se de métodos pedagógicos lúdicos que conduzirão a criança a aprender e aproveitar cada um dos recursos que lhes são oferecidos, e dos próprios recursos internamente (FARIA, 2010).

Assim, para os alunos, o bom professor, é aquele que tem conhecimento do que está trabalhando sobre o conteúdo, é também aquele que organiza suas aulas de forma com que eles se interessem e interajam com o assunto que está sendo discutido. Por isso, destacamos, em primeiro lugar, a importância de uma boa organização e planejamento das aulas, com antecedência, visando à motivação dos alunos para o aprendizado (SOUZA, 2011, p. 3).

Faria (2010) destaca que é necessário que o professor tenha conhecimentos sobre cada uma das fases afetivas considerando as mudanças corporais, psíquicas e intelectuais do aluno para que a educação possa ser transmitida de forma significativa na vida do sujeito.

O ser humano é uma pessoa afetiva desde a vida intrauterina e logo nos primeiros meses de vida do bebê ocorre o período de diferenciação de si, de si com o outro e com o mundo, constituindo assim, em um processo progressivo do seu desenvolvimento e da constituição da pessoa. Essa diferenciação ocorre por volta dos três aos seis anos de idade e é denominado como estágio de “personalismo” (LOPES, 2013, grifo nosso).

Ainda, de acordo com o ensino fundamental que se inicia aos seis anos de idade, o estágio quatro “categorial” corresponde a esta fase, até os onze anos de idade onde a criança começa a desenvolver mais rapidamente seus aspectos cognitivos, e se interessar pelo meio ao qual está sendo inserida. Tem curiosidade por tudo que a cerca, para o conhecimento e para a descoberta do mundo exterior. É neste estágio que a criança passa a ser uma figura mais social (FARIA, 2010).

Por conseguinte, quando a criança está se inserindo em uma nova realidade, indo de encontro ao quinto ano do ensino fundamental, o estágio cinco da adolescência é predominante. Neste estágio, a tranquilidade afetiva é rompida pela “a crise pubertária”, na necessidade da estruturação da personalidade devido às mudanças corporais e ambientais. Neste momento o adolescente possui maior predominância afetiva (FARIA, 2010, grifo da autora).

As falas de Rubi, Ametista, Opala e Citrino ressaltam o fundamento do planejamento diário para que os professores entendam a necessidade de cada aluno na análise dos fatores cognitivos, motores e das ações afetivas dentro da sala de aula considerando, além disso, o

contexto em que este está inserido e, portanto, a fase do desenvolvimento em que cada criança se encontra:

Sim, planejo as minhas aulas. Os alunos estão quase todos no mesmo nível, mas tem uma que não tinha coordenação motora nenhuma, aí o planejamento é outro tipo e ela está desenvolvendo do seu jeito, do potencial dela. Quando ela iniciou não conseguia pegar num lápis, aí eu fiz uma apostila separada para ela e hoje ela já está se desenvolvendo.

Sim. Além da gente tem que fazer o plano baseado na matriz curricular que tem que ensinar, a gente tem também que considerar o ritmo de aprendizagem sempre. As nossas salas têm bastante diferenças né de aprendizagem, de ritmo, de condição social, o desenvolvimento de cada um.

Planejo minhas aulas tentando abranger todos os níveis. E mesmo assim é preciso de muita assistência individualizada, pois cada um aprende de uma forma e esse detalhe deve ser considerado.

Sim. Trabalho de forma diferenciada com adaptação de materiais, auxílio individual, monitoria, incentivos, intervenções pedagógicas.

Gaspar e Costa (2011) afirmam que o incentivo por parte do psicólogo quanto a trabalhos que envolvam a subjetividade, tais como a arte que se ramifica através da música, de literaturas, recitações e escrita de poemas e poesias dentre outras manifestações artísticas é uma estratégia que aproxima o sujeito aos seus processos afetivos, possibilitando ao professor desenrolar essas atividades entrelaçando a teoria do conteúdo programático com os laços afetivos em sala de aula. E para tal os professores devem ser orientados quanto ao planejamento, que deverá valorizar o desenvolvimento afetivo- cognitivo, mantendo assim um estado de equilíbrio.

Através da atuação do psicólogo, o professor deve ser orientado para esta prática vincular, depois inserir a aprendizagem. Indiretamente se auxilia o aluno a ter uma boa inserção no processo ensino-aprendizagem. Isso sem contar o trabalho direto que pode efetuar com o aprendiz, um trabalho que pode ser relacionado à dificuldade de aprendizagem, como também através do diagnóstico de conflitos mentais do aluno. Trabalhando, neste contexto, com os pais do aluno (SANTOS; GONÇALVES, 2016, p. 06).

O psicólogo escolar deve fazer acolhimentos com os professores quanto aos seus próprios conteúdos emocionais para que consigam em sala de aula, frente a situações conflituosas e explosões emocionais, diferenciar em seus conflitos e emoções com o do outro, atenuando e mediando o que está ocorrendo frente à aprendizagem. Visto que quando o professor não consegue mediar essas situações ele alimenta o circuito perverso de castigos, ou má comunicação trazendo uma série de prejuízos na sua relação com o aluno (GASPAR; COSTA, 2011).

A área de atuação do psicólogo escolar abrange diversas atividades: observações dos alunos em diferentes momentos a fim de obter dados sobre o desenvolvimento de cada criança durante o bimestre; supervisões quinzenais com professores para discutir aspectos específicos de determinados alunos no que diz respeito ao comportamento e falta de limites; reuniões com pais dentre outras (SANTOS; BEZERRA; TADEUCCI, s/d, p. 05).

Cabe ao psicólogo desenvolver trabalhos com o corpo docente e discente afim de que atribua o papel de todos, auxiliando a criação do plano pedagógico e contribuindo com sua visão psicológica na detecção de qualquer bloqueio afetivo ou cognitivo que impeça o desenvolvimento não somente do aluno, mas também do professor (SANTOS; GONÇALVES, 2016).

No que tange a esfera pública, o psicólogo é limitado na sua prática profissional e por isso há uma necessidade de uma maior abertura e consolidação imediata de sua inserção e prática no espaço escolar. Deve-se refletir sobre novas práticas frente a suas funções entreladas ao saber e a afetividade (GASPAR; COSTA, 2011).

3.3.6 Desestruturação familiar

Ao decorrer das entrevistas com as professoras muitas relataram a desestruturação familiar no mundo contemporâneo no qual emergiu a necessidade de criar essa categoria:

É além da gente ter que ensinar os conteúdos, a gente tem que ensinar a falar baixo, ensinar respeito, ensinar educação que deveria ter vindo de casa e na maioria das vezes são poucos alunos que recebem essa educação (Diamante).

Então isso aí é uma falta de compromisso dos pais, tanto adolescente com problema familiar e para superar todas as dificuldades que as famílias estão enfrentando. A sociedade está tão diferente, consumista, e uma inversão de valores e hoje eles estão vendo apenas assim, é uma troca se você fizer isso você ganha aquilo. O pai não tem mais imposição com os filhos né! O filho não tem mais o respeito do pai então está tendo só essa troca de favores. E o filho não tem que entender dessa forma (Rubi).

A reconstrução da cultura de movimento e do grupo que eles vivem da sua comunidade, que é onde a gente está tendo muitos problemas que são as bases familiares né então isso a gente tem que rever com cuidado para estar trabalhando dentro de uma sala (Safira).

Porque aquele aluno que quer chamar atenção você pode ver que é o “aluno problema”, é o aluno que tem problema em casa, é o aluno que chega aqui na escola e ele quer expor tudo o que ele não tem jeito de fazer em casa. Se ele viver com agressividade ele vai agredir os colegas (Água Marinha).

Os professores têm trabalhado mais afetividade de uns anos para cá, porque nós vivemos um período em que as famílias “entregam” os alunos para a escola e muitas vezes os alunos ficam o dia todo e não tem muito contato com a mãe ou com o pai (Jade).

Só que o papel da família na formação afetiva da criança é a questão mais complexa dos tempos atuais, onde os valores estão mudados e a escola tem de assumir esse desafio. É uma tarefa complexa para o professor! Eu vejo os alunos não tem noção de religiosidade é uma coisa que vem de família e a maioria deles não tem (Turmalina).

A criança está muito carente! Trabalho há quase 20 anos na educação! E vejo que a cada dia a criança necessita mais do amor, do professor. Ele passa mais tempo na escola e nem sempre a família tem suprido com excelência esse lado. Cabe o educador educar e ensinar ao mesmo tempo. A criança traz tantos problemas de casa que reflete às vezes na escola e não é através só de punições e castigos que irá resolver (Opala).

Evidencia-se nas falas das professoras que houve na família uma inversão de valores, o que é assustador e também devassador na relação de pais e filhos, onde não há respeito, limites, e a relação que se estabeleceram ao longo desses anos é de troca de favores e chantagens. Infelizmente, não existe em muitas famílias respeito e nem a transmissão de valores. Este é o problema mais complexo dos tempos modernos e a escola tem que assumir o desafio de transmitir o conhecimento, educar e orientar o aluno.

Alguns dos aspectos históricos sobre a família e a educação serve para nos mostrar que apenas algumas situações os pais tinham o compromisso permanente de educar os filhos. Em outras situações, sequer existia sentimentos que unia as famílias. Certamente os protótipos ocidentais de família se alteraram bastante desde a antiguidade clássica ou romana até nossos dias. No contexto social dos dias de hoje e o conceito atual de família [...]. É mais ou menos intuitivo identificar família com a noção de casamento, pessoas ligadas por um vínculo do matrimônio. Essa forma clássica de união familiar se diluiu ante as inúmeras configurações que surgiram. Diante delas, muitas vezes a função materna e paterna foi relegada aos avós ou terceirizada para instituições cuidadoras ou ainda passada a pessoas comuns que recebem como diaristas para cumprirem a função de cuidadoras enquanto os pais, ou responsáveis diretos trabalham no mercado multifuncional (BITENCOURT; MACEDO, s/d, p. 5)

Frente a essa realidade, a estrutura familiar é um pilar na educação de qualquer ser humano em desenvolvimento e é norteadora das principais causas de indisciplina no âmbito escolar. A desestruturação familiar causa na grande maioria das vezes para as crianças e adolescentes comportamentos totalmente inadequados à sua faixa etária, como o consumo de drogas lícitas e ilícitas, assim como a violência física, verbal dentre outros, que acarretam uma série de prejuízos na formação dos mesmos (SIQUEIRA, 2017).

“Os meios tecnológicos estão influenciando no processo de formação de comportamentos, os pais estão se afastando dos filhos, não utilizam o diálogo abrindo espaço para outros vícios” (SIQUEIRA, 2017, p. 46).

A ausência do pai passou a influenciar na formação psicológica e do caráter dos filhos, que neste momento são privados drasticamente de convívio paterno. Atualmente, em muitas famílias as mulheres é que são as responsáveis pelo seu sustento e dos filhos, a vida econômica tornou-se altamente instável e os valores morais passaram a ser transitórios. Com total ausência de seus progenitores, promove-se a escola como responsável direta de educar seus filhos. Os pais suprem suas necessidades básicas, mas tornam-se completamente ausentes, como sistemas não cumprem sua função (BITENCOURT; MACEDO, s/d, p. 7).

Siqueira (2017, grifo nosso) afirma que em meio a essa desestruturação familiar e inversão de papéis os pais devem cumprir com suas “obrigações”, não somente suprimindo as necessidades básicas de alimentação, mas também, entendendo de fato o seu papel fundamental na vida do filho, mantendo-se ativo e integrado junto ao sistema educacional, acompanhando não somente o processo de aprendizagem, mas, além disso, entender as relações interpessoais e intrapessoais que a criança está constituindo no âmbito escolar em meio a todo o corpo de colaboradores dessa instituição. Assim, a universalização neste lugar ocorre através de uma aliança natural entre educação da família e educação escolar constituindo um ambiente seguro, que promova igualdade e integração dos alunos para a sociedade e vice-versa.

3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que tanto aluno quanto professor são ativos no processo de ensino aprendizagem no qual a relação professor/aluno na construção do conhecimento requer uma ação que seja compartilhada, uma troca de saberes humanizada, criadora de possibilidades, habilidades sociais, ou seja, visando o desenvolvimento integral deste. Essa relação é permeada pelo diálogo, pelo respeito mútuo, compreensão, confiança e motivação. E a afetividade tem como finalidade promover a motivação, a vontade do ser humano de ser uma figura social e afetiva em busca dos seus ideais. Quando esta relação se torna mais próxima, o processo de compartilhamento de saberes se torna mais eficaz, o aluno se sente seguro, acolhido, motivado e tem cada vez mais o desejo de aprender e a possibilidade de obter sucesso em sua vida futura.

O professor atua como um mediador entre o elo de ligação que tem com a criança e o objeto de conhecimento na dinâmica do processo de ensino-aprendizagem, e essa mediação é fator decisivo para a construção do conhecimento, devendo ser fortalecida com a relação vincular direta entre professor/aluno.

A visão das professoras quanto a afetividade é que a mesma é um impulsionador do desenvolvimento humano e um recurso imprescindível no processo de ensino- aprendizagem ao transmitir o conhecimento para outrem. Entretanto, o que se percebe é que este não é o único fator determinante, pois deve-se considerar a psicogênese da pessoa completa. No qual, é necessário que o professor tenha conhecimento de todas as fases afetivas para planejar a sua aula, considerando os aspectos do desenvolvimento humano e não somente as matrizes curriculares.

3.5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. R. S. A afetividade no desenvolvimento da criança. **Inter-Ação: Rev. Fac. Goiânia**, vol.33, n. 2, p. 343-357, 2008.

ALMEIDA, S. C. **É preciso ter paixão para ser professora? História de vida**. 2015. 33f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2015.

AMARAL, G. A.; VIEIRA, A. A mulher e a tripla jornada de trabalho: a arte de ser beija-flor. In. XXIII Encontro do ANPAD, 2009, **Anais...**São Paulo, ENANPAD, 2009. p. 1-16.

BITENCOURT, W. A.; MACEDO, M. **A ausência da família na história da aprendizagem escolar**. s/d. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Elaine-Aparecida-de-Melo-de-Bitencourt.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2018.

BRUST, J. R. **A influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2009. 40f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) –Universidade Estadual de Londrina Centro de Educação, Comunicação e Artes, Londrina,2009.

CASANOVA, N. C.; SEQUEIRA, S.; SILVA, V. M. Emoções. **Psicologia. PT**, 2009. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0132.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

CHAIKLIN, S. A zona de desenvolvimento próximo na análise de Vygotsky sobre aprendizagem e ensino. **Psicologia em Estudo**, Maringá, vol. 16, n. 4, 2011, p. 659-675.

DORNELAS, B. G. O.; PORTO, J. H. A. **O processo de feminilização do magistério Brasileiro.** In: XII CONAGES- Colóquio Nacional representações de gênero e sexualidade, 7, s/d, p. 1-7.

FARIA, G. I. **Afetividade na sala de aula:** o olhar Walloniano sobre a relação professor-aluno na educação infantil. 2010. 24f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade Alfredo Nasser Instituto Superior de Educação, Aparecida de Goiânia, 2010.

FERRAZ, R. C. **Gênero, masculinidade e docência:** visões de alunos de Pedagogia. s/d. 7 f. Trabalho de Conclusão de Pós- graduação (Pós- graduação em educação) –Universidade Federal da Paraíba, Ceará, s/d. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/R/Raimundo_Cassiano_Ferraz_23.pdf> Acesso em: 01 out. 2018.

GASPAR, F. D. R.; COSTA, T. A. Afetividade e atuação do psicólogo escolar. **Revista da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, vol. 15, n. 1, p. 121-129, 2011.

GARCIA, A. M. **A importância da afetividade na aprendizagem escolar:** o afeto na relação aluno-professor. 2014. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização Lato Senso (Especialização em Psicopedagogia) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2014.

GERHARDT, T. E. SILVEIRA, D. T. (Orgs.). **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, S. A. A. **A função docente e o conhecimento numa perspectiva histórico- crítica.** 2008. 20f. Artigo final apresentado ao programa de desenvolvimento educacional (Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2008.

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade:** os processos de construção da informação. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2015. Cidade de Coromandel. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=317020>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

LOPES, C. S.; GASPARIN, J. L. Violência e conflitos na escola: desafios à prática docente. **ActaScientiarum. Humanand Social Sciences**, Maringá, v. 25, n. 2, p. 295-304, 2003.

LOPES, M. A. S. **A Psicogênese da pessoa completa a partir da teoria Walloniana.** 2013. 17f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, 2013.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 6 ed. São Paulo/SP: Atlas, 2008.

_____. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2003.

MILAN, S. G.; GARMS, G. M. Z.; LOPES, C. S. A afetividade na educação infantil: um elo indispensável à teoria Walloniana. In: I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação, 5, 2011, Curitiba, **Anais...** Curitiba, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011. p. 1-14.

MIRANDA, M. B. **Saúde emocional de professores das escolas estaduais de Juiz de Fora- MG:** depressão e burnout. 2017. 89f. Trabalho de Curso de Especialização Lato Senso (Especialização em Psicologia) – Universidade Federal de Juiz de Fora Instituto de Ciências Humanas, Juiz de Fora, 2017.

OLIVEIRA, C. B. E.; ARAÚJO, C. M. M. Psicologia escolar: cenários atuais. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, vol. 9, n. 3, p. 648-663, 2009.

PICOLE, A. A relação entre a tripla jornada e depressão feminina. **Psicologado**, 2013. Disponível em: <<https://psicologado.com.br>>. Acesso em 27 out. 2018.

PINTO, F. E. M. A afetividade na organização do raciocínio humano: uma breve discussão. **Psicologia:** teoria e prática, Campinas, vol. 7, n. 1, p.1-16, 2005.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RABECINI, M. G. S.; PARRA, C. R. O papel da afetividade na aprendizagem infantil. **Psicologia. PT**, 2015. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0869.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

REIS, T. G. **A importância da afetividade na relação professor-aluno em uma escola de idiomas de Patrocínio.** 2010. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro Universitário do Cerrado Patrocínio, Patrocínio, 2010.

RICORDI, J. C. Limites na educação infantil. In: XII Congresso Nacional de Educação, 2015, **Anais...**, EDUCERE, 2009, p: 1 - 10.

SANTOS, J. V.; GONÇALVES, C. M. Psicologia educacional: Importância do psicólogo na escola. **Psicologia. PT**, 2016. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1045.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

SANTOS, E.; BEZERRA, M. S. P. S.; TADEUCCI, M. S. R. **Educação:** A importância do psicólogo no contexto escolar. XIV Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e X Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba, s/d, p. 6.

SIQUEIRA, M. S. C. **Indisciplina escolar:** contribuições da família e da gestão escolar. 2017. 276f. Trabalho de Curso de Especialização Lato Senso (Especialização Ciências da Educação) – Escola Superior de Educação Almeida Garrett, Lisboa, 2017.

SOUZA, A. P.; ROSSO, A. J. Mediação e zona de desenvolvimento proximal (zdp): entre pensamentos e práticas docentes. In: X Congresso Nacional de educação- EDUCERE, 2011, **Anais...** Curitiba, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011, p. 1-13.

SOUZA, E. A. **A relação professor–aluno influência positivas e negativas no processo de ensino aprendizagem na perspectiva de alunos de ensino médio.** 2011. 56f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 21, n. 73, 2000. p. 209-244.

ZANELLA, A. V. Zona de desenvolvimento proximal: análise teórica de um conceito em algumas situações variadas. **Pepsic**, Ribeirão Preto, vol. 2, n. 73, 1994, p. 1-14.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS/ CONCLUSÃO

O processo de aprendizagem é extremamente importante na vida de qualquer ser humano, pois impulsiona o desenvolvimento cognitivo, além de ampliar para outros aspectos tais como: afetivo, motor e social. A escola tem um papel fundamental na educação infantil, pois é ela quem ensina os primeiros conceitos, as primeiras letras, a autonomia, a criatividade, a educação, a lateralidade, os valores, as habilidades sociais, entre outros, portanto, a escola se faz presente desde o ensino maternal.

A afetividade permeia um vínculo de confiança entre professor e aluno que se torna necessário durante todo o processo, sendo que a base afetiva se constitui na relação vincular entre professor/aluno.

Neste processo é importante que haja uma ligação entre aluno e professor para que o ensino aprendido de fato aconteça de forma significativa. Para que haja empatia entre professor/aluno a estimulação deve ser constante, levando o aluno a estudar de fato, e que promova um ambiente seguro, acolhedor em que se encontra. O professor deve ser bastante criativo, ter a sensibilidade acurada, ser humanizado, transmitindo o amor que possui pela sua prática profissional e evitar o círculo vicioso de castigos ou comentários que desvalorizam o seu aluno.

A presente pesquisa buscou averiguar qual a visão das professoras quanto à afetividade no processo de ensino aprendizagem. Obteve-se como resultados que todas as professoras consideram a afetividade um instrumento importante dentro da sala de aula, sendo um recurso essencial nesse processo, o qual na visão delas pode motivar no aluno o desejo de aprender. Mas, destacam que devem se ater as questões das regras e limites, pois os alunos podem interpretar afetividade como a falta de limites, e isto influencia de forma negativa no relacionamento do professor/aluno na sala de aula, levando até mesmo a falta de respeito. Além de que a afetividade não é o único fator determinante nesse processo porque é necessário que o professor considere os aspectos do desenvolvimento humano de acordo com cada fase afetiva e com o planejamento das aulas.

Evidenciou-se que as emoções podem influenciar de forma positiva e negativa o comportamento dos alunos, que acabam refletindo no comportamento do professor, e, por conseguinte suas emoções naquele momento. É importante que o professor saiba diferenciar as

suas emoções dos seus alunos para que esteja preparado para resolver as questões conflitantes que surgem dentro da sala de aula.

Além disso, constata-se na pesquisa, que apesar das professoras chegarem a confundir aspectos da afetividade com a abordagem psicológica da técnica do reforço, foi averiguado que existem diversas ações afetivas citadas pelas professoras em sua prática, que envolvem diretamente a subjetividade do aluno e o relacionamento interpessoal com o outro. Foi ressaltado o diálogo, a demonstração de afeto com carinho, atenção, a valorização do abraço, dramatizações, momentos de leituras fora da sala de aula, como no pátio da escola, utilizando fantoches, criação de histórias, momentos de canto e dança, jogos, dinâmicas, atividades de recorte na matéria de artes, literatura entre outras. Ações essas que são para as professoras atividades que envolvem o afeto e que as mesmas fazem em sua prática no contexto escolar.

Para as professoras entrevistadas os desafios da profissão na atualidade envolvem os diversos problemas que os alunos vivenciam em casa e que refletem diretamente na sala de aula. E os diferenciados papéis que os professores assumem, sendo um citado pela maioria das professoras, que é o de se colocar como verdadeiras “psicólogas” diante a tantos conflitos.

Um fator relevante citado pelas entrevistadas foi a desestruturação familiar, que este tem se tornado um problema bastante complexo dos tempos modernos, levando a escola a assumir o desafio de transmitir o conhecimento, educar e orientar o aluno. Quanto ao papel do psicólogo, as entrevistadas citam a necessidade de realização de parcerias com a escola buscando a melhoria de um ensino, que seja menos alienado e com maior poder crítico e transformador, além de que se deve considerar a saúde emocional do educando, do educador e principalmente das famílias de origem resguardando com isso os valores éticos que permeiam a sociedade.

Desta forma, a hipótese estipulada inicialmente no presente trabalho foi comprovado por meio das falas das participantes, que as professoras consideram o afeto crucial tanto no desenvolvimento humano quanto no desenvolvimento do aluno no qual quando se envolve as questões da afetividade alicerçada ao processo de ensino aprendizagem o processo se torna significativo tanto para quem ensina quanto para aquele que aprende.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. R. S. A afetividade no desenvolvimento da criança. **Inter-Ação: Rev. Fac. Goiânia**, vol .33, n. 2, p. 343-357, 2008.

ALMEIDA, S. C. **É preciso ter paixão para ser professora? História de vida**. 2015. 33f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2015.

AMARAL, G. A.; VIEIRA, A. A mulher e a tripla jornada de trabalho: a arte de ser beija-flor. In. XXIII Encontro do ANPAD, 2009, **Anais...**São Paulo, ENANPAD, 2009. p. 1-16.

BITENCOURT, W. A.; MACEDO, M. **A ausência da família na história da aprendizagem escolar**. s/d. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Elaine-Aparecida-de-Melo-de-Bitencourt.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2018.

BRUST, J. R. **A influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2009. 40f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina Centro de Educação, Comunicação e Artes, Londrina, 2009.

CASANOVA, N. C.; SEQUEIRA, S.; SILVA, V. M. Emoções. **Psicologia. PT**, 2009. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0132.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

CHAIKLIN, S. A zona de desenvolvimento próximo na análise de Vygotsky sobre aprendizagem e ensino. **Psicologia em Estudo**, Maringá, vol. 16, n. 4, 2011, p. 659-675.

DORNELAS, B. G. O.; PORTO, J. H. A. **O processo de feminilização do magistério Brasileiro**. In: XII CONAGES- Colóquio Nacional representações de gênero e sexualidade, 7, s/d, p. 1-7.

FARIA, G. I. **Afetividade na sala de aula: o olhar Walloniano sobre a relação professor-aluno na educação infantil**. 2010. 24f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade Alfredo Nasser Instituto Superior de Educação, Aparecida de Goiânia, 2010.

FERRAZ, R. C. **Gênero, masculinidade e docência: visões de alunos de Pedagogia**. s/d. 7 f. Trabalho de Conclusão de Pós- graduação (Pós- graduação em educação) –Universidade Federal da Paraíba, Ceará, s/d. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/R/Raimundo_Cassiano_Ferraz_23.pdf> Acesso em: 01 out. 2018.

GALVÃO, I. **Henri Wallon uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 1998.

GASPAR, F. D. R.; COSTA, T. A. Afetividade e atuação do psicólogo escolar. **Revista da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, vol. 15, n. 1, p. 121-129, 2011.

GARCIA, A. M. **A importância da afetividade na aprendizagem escolar: o afeto na relação aluno-professor**. 2014. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização Lato Sensu (Especialização em Psicopedagogia) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2014.

GERHARDT, T. E. SILVEIRA, D. T. (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, S. A. A. **A função docente e o conhecimento numa perspectiva histórico-crítica**. 2008. 20f. Artigo final apresentado ao programa de desenvolvimento educacional (Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2008.

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2015. Cidade de Coromandel. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=317020>>. Acesso em: 20 maio 2018.

LOPES, C. S.; GASPARIN, J. L. Violência e conflitos na escola: desafios à prática docente. **ActaScientiarum. Humanand Social Sciences**, Maringá, vol. 25, n. 2, p. 295-304, 2003.

LOPES, M. A. S. **A Psicogênese da pessoa completa a partir da teoria Walloniana**. 2013. 17f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, 2013.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6 ed. São Paulo/SP: Atlas, 2008.

_____. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MILAN, S. G.; GARMS, G. M. Z.; LOPES, C. S. A afetividade na educação infantil: um elo indispensável à teoria Walloniana. In: I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação, 5, 2011, Curitiba, **Anais...** Curitiba, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011. p. 1-14.

MIRANDA, M. B. **Saúde emocional de professores das escolas estaduais de juiz de fora- MG: depressão e burnout**. 2017. 89f. Trabalho de Curso de Especialização Lato Sensu (Especialização em Psicologia) – Universidade Federal de Juiz de Fora Instituto de Ciências Humanas, Juiz de Fora, 2017.

OLIVEIRA, C. B. E.; ARAÚJO, C. M. M. Psicologia escolar: cenários atuais. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, vol. 9, n. 3, p. 648-663, 2009.

PICOLE, A. A relação entre a tripla jornada e depressão feminina. **Psicologado**, 2013. Disponível em: <<https://psicologado.com.br>>. Acesso em 27 out. 2018.

PINTO, F. E. M. A afetividade na organização do raciocínio humano: uma breve discussão. **Psicologia: teoria e prática**, Campinas, vol. 7, n. 1, p. 1-16, 2005.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RABECINI, M. G. S.; PARRA, C. R. O papel da afetividade na aprendizagem infantil. **Psicologia. PT**, 2015. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0869.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

REIS, T. G. **A importância da afetividade na relação professor-aluno em uma escola de idiomas de Patrocínio**. 2010. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro Universitário do Cerrado Patrocínio, Patrocínio, 2010.

RICORDI, J. C. Limites na educação infantil. In. XII Congresso Nacional de Educação, 2015, **Anais...**, EDUCERE, 2009, p: 1- 10.

SANTOS, J. V.; GONÇALVES, C. M. Psicologia educacional: Importância do psicólogo na escola. **Psicologia. PT**, 2016. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1045.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

SANTOS, E.; BEZERRA, M. S. P. S.; TADEUCCI, M. S, R. **Educação**: A importância do psicólogo no contexto escolar. XIV Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e X Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba, s/d, p. 6.

SIQUEIRA, M. S, C. **Indisciplina escolar**: contribuições da família e da gestão escolar. 2017. 276f. Trabalho de Curso de Especialização Lato Sensu (Especialização Ciências da Educação) – Escola Superior de Educação Almeida Garrett, Lisboa, 2017.

SOUZA, A. P.; ROSSO, A. J. Mediação e zona de desenvolvimento proximal (zdp): entre pensamentos e práticas docentes. In. X Congresso Nacional de educação- EDUCERE, 2011, **Anais...** Curitiba, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011, p. 1-13.

SOUZA, E. A. **A relação professor–aluno influência positivas e negativas no processo de ensino aprendizagem na perspectiva de alunos de ensino médio**. 2011. 56f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 21, n. 73, 2000. p. 209-244.

ZANELLA, A. V. Zona de desenvolvimento proximal: análise teórica de um conceito em algumas situações variadas. **Pepsic**, Ribeirão Preto, vol. 2, n. 73, 1994, p. 1-14.

APÊNDICES

APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Perfil Sociodemográfico dos participantes:

Idade:

Estado Civil:

Formação profissional:

- Você tem formação em magistério? (...) sim.....(....) não
- Você fez/faz curso de graduação: (...) sim.....(....) não
- Curso:
- Desde quando é professor(a) na Rede Municipal de Ensino de Coromandel/MG?
- Você participa de cursos de formação continuada? Quais? Onde (promovidos por qual órgão)?

Seu trabalho atualmente.

- Trabalha (....) um.....(....) mais de dois períodos

Período matutino:

- Escola:
- Etapa:
- Número de Alunos:

Período vespertino:

- Escola:
- Etapa:
- Número de Alunos:

Período noturno:

- Escola:
- Etapa:
- Número de Alunos:

Percepção dos professores sobre o afeto no processo de ensino-aprendizagem

- 1- O que é a afetividade para você?
- 2- Qual a sua percepção sobre a afetividade no processo de ensino aprendizagem?
- 3- A seu ver, a afetividade é um recurso a ser considerado dentro da sala de aula?
- 4- Quais aspectos positivos ou negativos você atrela a afetividade?
- 5- Existem ações afetivas dentro da sua sala de aula? Se sim, quais?

- 6- Você se considera uma pessoa afetiva? Fale um pouco sobre isso.
- 7- Você planeja suas aulas de acordo com o desenvolvimento humano de cada aluno, ou seja, considerando a cognição (a idade), os aspectos motores e afetivos dos alunos?
- 8- Para você quando o professor é afetivo a aprendizagem é mais significativa?
- 9- Caracterize a relação professor/aluno no processo de ensino aprendizagem?
- 10- Você consegue diferenciar as suas emoções dos seus alunos quando está lecionando? Isto influencia o comportamento dos mesmos?
- 11- Como você considera o papel do psicólogo no âmbito escolar? O que este profissional poderia contribuir considerando aos aspectos da afetividade?
- 12- Você gostaria de acrescentar alguma coisa que não foi questionada e que julga importante?

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPANTES MAIORES DE 18 ANOS

Eu, Mayara de Souza Barboza estudante do curso de Psicologia do Centro Universitário do Cerrado Patrocínio, convido-o (a) a participar de pesquisa sobre o afeto no processo de ensino aprendizagem, que tem como objetivo analisar a percepção dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental sobre o afeto no processo de ensino-aprendizagem.

A sua participação é voluntária, sendo sua colaboração muito importante para o andamento da pesquisa, que consiste em contribuir na obtém de dados através de uma entrevista semiestruturada. Serão assegurados a você o anonimato, o sigilo das informações, a privacidade e todas as condições que lhe garantam a proteção à dignidade constitucionalmente assegurada. A utilização dos resultados da pesquisa será exclusiva para fins técnico-científicos. Os riscos na participação serão minimizados mediante a atuação do pesquisador pela atenção e zelo no desenvolvimento dos trabalhos em assegurar ambiente seguro, confortável e de privacidade, evitando desconforto e constrangimento. Por outro lado, se você concordar em participar na pesquisa estará contribuindo para o desenvolvimento da ciência nesta área. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade será assegurada e mantida em absoluto sigilo. Caso concorde em participar, em qualquer momento você poderá solicitar informações ou esclarecimentos sobre o andamento da pesquisa, bem como desistir dela e não permitir a utilização de seus dados, sem prejuízo para você. Você não terá nenhum tipo de despesa e não receberá nenhuma gratificação pela participação na pesquisa.

Consentimento:

Declaro ter recebido de Mayara de Souza Barboza, estudante do curso de Psicologia do Centro Universitário do Cerrado Patrocínio, as orientações sobre a finalidade e objetivos da pesquisa, bem como sobre a utilização das informações que forneci somente para fins científicos, sendo que meu nome será mantido em sigilo. Aceito participar da pesquisa por meio da realização da entrevista bem como permito a utilização dos dados originados da mesma. Estou ciente de que poderei ser exposto(a) a riscos de constrangimentos associados ao meio aceite do convite, e que poderei, a qualquer momento, interromper a minha participação, sem nenhum prejuízo pessoal. Fui informado(a) que não terei nenhum tipo de despesa nem receberei nenhum pagamento ou gratificação pela minha participação. Declaro que minhas dúvidas foram esclarecidas suficientemente e concordo em participar voluntariamente das atividades da pesquisa.

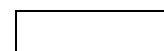
Assinatura do(a) participante(a):

Data: ____/____/____.

Pesquisadora: Mayara de Souza Barboza

Assinatura: _____

Data: ____/____/____



Impressão de polegar
caso não assine

Orientadora: Profa. Dra. Vanessa Cristina Alvarenga

Assinatura: _____

Data: ____/____/____

Comitê de Ética em Pesquisa do UNICERP: Fone: (34) 3839-3737 ou 0800-942-3737

Av. Liria Terezinha Lassi Capuano, 466, Campus Universitário - Patrocínio – MG, CEP: 38740.000

ANEXOS

ANEXO A
AUTORIZAÇÃO SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO



Prefeitura Municipal de Coromandel
Secretaria Municipal de Educação

DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que os pesquisadores Vanessa Cristina Alvarenga e Mayara de Souza Barboza, estão autorizados a realizar pesquisa “O afeto no processo de ensino aprendizagem: visão dos professores”, com a finalidade de realizar seu Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia, do UNICERP – Centro Universitário do Cerrado - Patrocínio.

Declaro ainda ter conhecimento da pesquisa a ser realizada e de ter sido previamente informada de como serão utilizados os dados coletados nesta instituição.

Coromandel, 08 de junho de 2018.

Vera Lúcia Guimarães
Secretária de Educação do Município de Coromandel/MG

Vera Lucia Guimarães da Cunha
Secretária Municipal
de Educação

ANEXO B AUTORIZAÇÃO COEP



COEP – Comitê De Ética Em Pesquisa – UNICERP

Protocolo de encaminhamento de Projeto de Pesquisa para o Comitê de
Ética em Pesquisa com seres humanos

1. PROJETO DE PESQUISA

Nº PROTOCOLO: 2018/450 PSI 003

1.1. TÍTULO DO PROJETO

O afeto no processo de ensino aprendizagem: visão dos professores

1.2. PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Nome: Vanessa Cristina Alvarenga

RG: 11.517.372

CPF: 058.646.996-67

Endereço: Rua Jacinto Alves Pereira, n. 25, apt. 203. Bairro: Santa Terezinha.

Telefone:

Celular: (34) 98883-0082.

E-mail: vanessac@unicerp.edu.br

1.3. INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL

Centro Universitário o Cerrado Patrocínio.

1.4. PROJETO DE PESQUISA

Recebido no COEP/UNICERP em: 08/06/2018

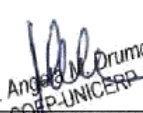
Para o relator em: 12/06/2018

Parecer avaliado em reunião de: 23/06/2018

Aprovado: 23/06/2018

Diligência/pendências: ____/____/____

Não aprovado: ____/____/____


 Prof. Me. Angela U. Drumond Lage
 COEP-UNICERP
 Diretor(a) do COEP/UNICERP